



Universidade Federal do Pampa

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CURSO DE LETRAS**

DITO E NÃO DITO EM REDE: UMA ANÁLISE DO DISCURSO ANTIFEMINISTA

LISANDRA BARCELLOS BORBA

**Bagé, RS
2017**

LISANDRA BARCELLOS BORBA

DITO E NÃO DITO EM REDE: UMA ANÁLISE DO DISCURSO ANTIFEMINISTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras: Português e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof. Dra. Carolina Fernandes

**Bagé, RS
2017**

DITO E NÃO DITO EM REDE: UMA ANÁLISE DO DISCURSO ANTIFEMINISTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Área de concentração: Letras

Trabalho de Conclusão de Curso defendido em 28 de novembro de 2017:

Banca examinadora:

Profª Drª Carolina Fernandes
(Orientador)
(UNIPAMPA)

Profª Drª. Sátira Pereira Machado
Membro da Banca
(UNIPAMPA)

Profª Drª Janaína Cardoso Brum
Membro da Banca
(UFPEL)

Dedico este trabalho a meu filho, Rafael,
por ser fonte inesgotável de amor sendo
sempre luz em meio à escuridão.

AGRADECIMENTOS:

Ao final de mais uma caminhada, olho para trás e vejo o quanto tenho a agradecer àqueles que conspiraram em meu benefício, para que eu pudesse chegar neste momento e colher os frutos do meu esforço.

Agradeço, primeiramente, aos meus pais. Queria saber as mais belas palavras para agradecer minha mãe. Sou grata a ela pelo amor inestimável que sempre me dedicou. Acreditou em mim quando eu duvidava e ofereceu o aconchego dos seus braços nos momentos mais difíceis. Ao pai, de quem tenho orgulho, quem me ensinou a enfrentar as dificuldades da vida com honestidade e determinação, e me mostrou as maiores virtudes que um homem pode ter. Ao meu filho, Rafael, que de forma única, especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades, mesmo não tendo conhecimento disto, iluminou e ilumina minha vida, me levando a buscar ser melhor e a ter mais conhecimentos sempre.

Aos meus irmãos Márcio, Cristiano, Júnior, Ândrius (in memoriam) e Antônio Carlos, fontes da minha alegria, que me convenceram que as perdas não são tão grandes e que a angústia pode ser vencida, me fazendo rir nas piores horas. Agradeço de maneira muito especial, à memória de meu irmão, Ândrius, que mesmo ausente em corpo, sempre se faz presente em minha memória e coração, de alguma maneira me apoiando e dando força, sempre me incentivou a seguir em frente, sendo meu porto seguro nos momentos de maior angústia. Ao pai do meu filho, por ter feito parte de quase todo caminho sendo sempre otimista e acreditando na minha capacidade, tendo sido decisivo no trajeto, à ele também dedico o meu mais sincero agradecimento por ter me provado o quão podemos ser fortes e o quanto o ser humano é capaz de reerguer-se. À avó paterna de meu filho, Neiva Bender, meu exemplo de educadora, pessoa centrada e equilibrada que, por meio dos conselhos sensatos, elucida-me que toda escolha tem uma abdicação e que se deve focar na decisão e acreditar em si; ao avô paterno de meu filho, Rogério, que me admira com sua emotividade, bondade e constante dedicação. À memória da bisavó materna de meu filho, Auta Bender, que sempre me incentivou e se dispôs a mostrar o quão valiosa é a educação e, neste momento, deve estar festejando junto a Deus essa conquista. Aos demais familiares, que relevam o laço sanguíneo ou não e não hesitam em ajudar.

Sou grata também aos melhores amigos: Juliano Centena, Heverton Schimitz e Raquel Campos, pelo carinho e compreensão, suportando a minha falta e ouvindo meus conflitos, em vocês encontrei verdadeiros irmãos. Obrigada pela paciência, pelos sorrisos, pelos abraços, pela mão que sempre se estendia quando eu precisava. Esta caminhada não seria a mesma sem vocês! Aos amigos Adriana, Bianca, Emilinha, Katarina e Jael que, sinceramente, torceram por mim e me acompanharam com cumplicidade. Aos colegas da Secretaria Municipal de Educação, que me mostraram a magia de um bom trabalho, atuando com união e persistência.

Aos mestres, à Universidade Federal do Pampa, campus Bagé, por colaborarem no desenvolvimento das minhas competências. À minha orientadora, Prof. Dra. Carolina Fernandes, a quem aguardei em muitas orações, para que orientasse esse trabalho, por me acrescentar conhecimento, não somente em sala de aula, mas conhecimento para vida, por seus ensinamentos, paciência e confiança ao longo das supervisões de minhas atividades. Obrigada por ser minha fonte inesgotável de inspiração e orgulho, não somente como mestra mas como um ser humano admirável. Aos colegas da faculdade, que vivenciaram de perto e cooperaram com meu intenso processo de maturidade. Ao meu psicólogo, Daniel Lopes, que me manteve firme quando minhas angústias pareceram maiores do que eu e que fraquezas psicológicas quase me fizeram desistir. E, a Deus, que se mostrou presente nos momentos de maiores dificuldades e me abençoou ao proporcionar pessoas tão maravilhosas em minha vida.

Enfim, agradeço a todos que fazem parte de mim e colaboraram de alguma forma com a conclusão dessa trajetória. Pessoas que me ajudaram e ajudam a ser melhor. Fui apenas o instrumento dessa conquista, ela é de vocês!

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas
pensar o que ainda ninguém pensou sobre aquilo
que todo mundo vê”

Arthur Schopenhauer

RESUMO

O presente trabalho pretende analisar o funcionamento do discurso de mulheres que, marcadas por uma memória histórica de dominação do masculino sobre o feminino, enfrentam os questionamentos erguidos por mulheres feministas e através dessa análise perceber como a formação discursiva dos sujeitos a serem analisados, perpassam a sociedade atual.

Nosso estudo está baseado nas teorias da Análise do Discurso e nas contribuições do teórico francês Michel Pêcheux com relação às construções do social na produção dos sentidos dos enunciados. Os discursos estão sempre dialogando entre si e não são neutros sofrendo manifestações ideológicas internas e externas o tempo todo. Essas discussões nos auxiliam na compreensão e análise. Analisamos recortes de páginas disponíveis na internet, mais especificamente na rede social Facebook, a saber, “Empodere duas mulheres” e/ou “ Moça, você é machista”, para analisar o discurso visto nestas páginas serão utilizadas as páginas “Mulheres contra o feminismo” e/ou “Moça, eu não sou obrigada a ser feminista”, páginas anti-discurso feministas.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Formação Discursiva; Antifeminismo; Feminismo; Mulher.

ABSTRACT

The present work intends to analyze how it is constituted the discursive formation of women that, marked by a historical memory of male domination over female, face the questionings risen by feminist women and throughout this analysis realize how the discursive formation of the individuals to be analyzed pass through current society. Our search is based in the speech analisys' theories and in the contributions of the French theoretical Michel Pêcheux, related to the social constructions in the construction of meanings of statements. The speeches are always talking to each other and they aren't neutral, suffering internal and external ideological interferences all the time. These discussions assist us in the comprehension and analysis. We analyzed clippings of pages that are available on the internet, more specifically on the social network Facebook, to know, “Empodere duas mulheres” (tr. Empower two women) and/or “ Moça, você é machista” (tr. Lady, you are male chauvinist), to analyze the speech seen in this pages, it will be used the pages “Mulheres contra o feminismo” (tr. Women against feminism) and/or “Moça, não sou obrigada a ser feminista” (tr. Lady, i'm not obliged to be feminist), antifeminism speeching pages.

Keywords: speech analisys; discursive formation; antifeminism; feminism; woman;

Keywords: speech analisys; discursive formation; antifeminism; feminism; woman;

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
2.1 A Análise do Discurso.....	17
2.2 Por falar do assujeitamento e do esquecimento.....	22
2.3 A ideologia, a interpretação, a compreensão e o imaginário	26
2.4 O sujeito e a formação discursiva	31
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	33
5 ANÁLISE.....	35
5.1 Somos quem devemos ser? A construção da imagem e do comportamento da figura feminina:.....	36
5.2 O CONFLITO EM REDE.....	50
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
7 REFERÊNCIAS.....	66

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, durante o Regime Imperial (1822 -1889), o direito à educação para as mulheres foi reconhecido e, somente em 1907, com a Greve das costureiras, começam as exigências para melhores condições de trabalho feminino, que era a grande mola propulsora da economia da época tendo em vista que a indústria têxtil estava em expansão e a mão de obra era, quase em sua totalidade, feminina. Dentre as reivindicações, estavam a regularização do trabalho feminino, jornada de trabalho de oito horas, abolição do trabalho noturno para as mulheres. Ainda neste mesmo ano, aprovou-se uma resolução para que o salário entre homens e mulheres passassem a ser o mesmo na indústria têxtil.

No início do século XX, são retomadas as discussões sobre a participação das mulheres nos mais diversos meios e, em 1922, fundou-se a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino que tinha como principais bandeiras a garantia de participação nos pleitos, através do voto (que só se conquistou em 1928) e o livre acesso das mulheres ao trabalho.

Em fevereiro de 1932, o governo Vargas, garante o sufrágio feminino, temos então inserido no texto do Código eleitoral o direito ao voto e também a candidatura das mulheres.

Com a ditadura do Estado Novo, em 1937, o movimento feminista perde força. Só no fim da década seguinte volta a ganhar intensidade com a criação da Federação das Mulheres do Brasil e a consolidação da presença de mulheres no cenário político. Mas logo vem outro período ditatorial, a partir de 1964, e as ações do movimento se enfraquecem, só retornando na década de 70.

Um dos fatos mais emblemáticos daquela década foi a criação, em 1975 (Ano Internacional da Mulher), do Movimento Feminino pela Anistia. Ainda nos anos 70 é aprovada a lei do divórcio, uma antiga reivindicação do movimento.

Nos anos 80, as feministas embarcam na luta contra a violência às mulheres e pelo princípio de que os gêneros são diferentes, mas não desiguais. Em 1985 é criado o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), subordinada ao Ministério da Justiça, com objetivo de eliminar a discriminação e aumentar a participação feminina nas atividades políticas, econômicas e culturais.

O CNDM foi absorvido pela Secretaria de Estado dos Direitos da Mulher, criada em 2002 e ainda ligada à Pasta da Justiça. No ano seguinte, a secretaria passa

a ser vinculada à Presidência da República, com status ministerial, rebatizada de Secretaria de Políticas para as Mulheres¹.

Incorrendo esse brevíssimo histórico do Movimento feminista no Brasil, mesmo quando não era assim reconhecido, seus atos, lutas e discursos sempre são polemizados na sociedade tradicional.

As mulheres que se identificam como antifeministas, produzem uma imagem das ditas feministas bastante comum de ser observado nas redes sociais. Não é incomum que se veja as mulheres feministas serem rotuladas como obcecadas por estupros, que odeiam homens, feias, solteiras, gordas, muitos são os adjetivos pejorativos utilizados para a produção do imaginário sobre as feministas. Conforme podemos observar no blog “Mulheres Contra o Feminismo, Orgulhosas e Felizes de sermos mulheres”, em uma de suas postagens, denominada “Top 10 das mais nojentas e repugnantes ideias Feministas”², entre muitas classificações, podemos atentar para algumas imagens desenvolvidas socialmente pelas mulheres que creem que o movimento feminista fere os princípios religiosos, morais e civis impostos desde a formação da sociedade e que, ainda conforme as antifeministas, deveriam ser difundidos e respeitados. A luta feminista, é questionada de forma agressiva e impiedosa, as antifeministas afirmam no texto anteriormente citado: “Nós dizemos: As feministas são estúpidas, esquizofrênicas e porcas [sic]. Nenhuma pessoa normal leva a sério estas doentes.” Em uma busca para justificar suas afirmações, essas mulheres identificam as feministas como: “mulheres com mente doentia e psicopata” (ibidem), e usam como sinônimo de feminista o termo feminazi.

Feminazis, conforme o site “Significando”³, expressa o seguinte:

O termo feminazi é formado pela junção das palavras feminista e nazi – que vem de nazista. É usado para se referir às feministas

¹ (<http://www.spm.gov.br/>)

² MULHERES CONTRA O FEMINISMO. *Top 10 das mais nojentas e repugnantes ideias feministas.* Disponível em: <<https://mulherescontraofeminismo.wordpress.com/2015/12/30/top-10-das-mais-nojentas-e-repugnantes-ideias-feministas/>>. Acesso em: 19 de junho de 2017, 09:28.

³ SIGNIFICANDO. *Feminazi.* Disponível em: <<http://www.significando.com.br/feminazi/>>. Acesso em: 20 de junho de 2017, 20:33.

extremistas, radicais e misândricas – que possuem aversão ou ódio aos homens – e que querem se colocar acima deles. (...) “Feminazismo” é um termo que foi criado para depreciar as feministas muito radicais que querem ser superiores aos homens e pregam o ódio à classe, já que o nazismo também pregava a superioridade de um certo grupo.

Essas aproximações não são raras e, embora o Movimento Feminista venha ganhando forças e adeptas, dentre as quais, muitas famosas em destaque na mídia, é ainda muito comparado a um movimento de dominação e superioridade. Poderia um movimento que, conforme suas ativistas, prega a igualdade, ser excludente?

O Movimento Feminista reclama o reconhecimento do sujeito feminino, não inferior, nem superior, mas com igualdade. Conforme suas próprias falas, o movimento, não admite qualquer tipo de opressão. No entanto, ainda para o movimento feminista, o fato de as questões masculinas não serem bandeiras muito levantadas por feministas em manifestos não significa que este não se solidarize com muitas questões da sociedade patriarcal e machista que também oprimem os homens. O discurso feminista é, conforme suas ativistas, um movimento de luta por igualdade de gênero e que qualquer discurso que o caracterize como opressor corresponderiam a uma tentativa fracassada de deslegitimar a luta feminista sem necessariamente compreender quaisquer de seus argumentos.

No blog “M de Mulher”, em reportagem denominada “ 11 Mentiras sobre o Feminismo que precisam parar de ser repetidas”⁴, Lola Aronovich⁵ e Bia Cardoso⁶ escrevem sobre o que chamam de mentiras sobre o feminismo. Neste texto, esclarecem o que, para elas, são os equívocos mais comuns que os sujeitos cometem, dentre eles estão enunciados como, “o feminismo é o contrário do machismo”, “as feministas odeiam os homens”, “donas de casa não podem ser feministas”, dentre outros. Para as colaboradoras do blog nesta reportagem, é evidente a necessidade de apoio a um movimento que busca

⁴ CASTILHO, Lucas. *11 mentiras batidas sobre feminismo que precisam parar de ser repetidas*. Disponível em: <<http://mdemulher.abril.com.br/estilo-de-vida/11-mentiras-batidas-sobre-feminismo-que-precisam-parar-de-ser-repetidas/>>. Acesso em: 21 de junho de 2017, 21:56.

⁵ Professora do Departamento de Letras Estrangeiras na Universidade Federal do Ceará (UFC), autora do blog *Escreva Lola Escreva*.

⁶ Pedagoga e coordenadora do *Blogueiras Feministas*.

igualdade, observemos o recorte (M de Mulher, 2016) onde as blogueiras enunciam o que, para elas é a descrição de feminismo:

O feminismo é um movimento de luta para a emancipação das mulheres. O que o feminismo pede são direitos iguais. Para homens e mulheres. Uma feminista é uma pessoa que acredita na igualdade social, política e econômica (...) “Hoje em dia, o feminismo é o combate a todas as opressões, não só de gênero, mas também de raça, orientação sexual, classe...”

Para elas, ao concordar com essas afirmações, qualquer sujeito, feminino ou masculino, torna-se feminista. Mesmo tendo esse objetivo, muitas mulheres, ainda fortemente interpeladas pelo discurso ideológico da superioridade masculina, levantam suas vozes para atacar o Movimento que busca garantir seus direitos mínimos.

O discurso antifeminista tem sido visto com maior frequência em diversos meios e, aquilo que pensamos que seria natural (mulheres defendendo seu direito a igualdade) vem sendo questionado por quem é diretamente afetado pelo movimento, as próprias mulheres.

Em "Mulher", texto publicado em 22/02/2016, no jornal “Folha de São Paulo”⁷ a atriz e escritora Fernanda Torres discorre sobre um dos assuntos mais discutidos nas redes "reais" e virtuais: o feminismo.

A Formação discursiva em que a atriz se inscreveu, causou furor entre as ativistas do movimento feminista e as ativistas do movimento antifeminista.

Vejamos um trecho de sua declaração:

(...) A vitimização do discurso feminista me irrita mais do que o machismo. Fora as questões práticas e sociais, muitas vezes, a dependência, a aceitação e a sujeição da mulher partem dela mesma. Reclamar do homem é inútil. Só a mulher tem o poder de se livrar das próprias amarras, para se tornar mais mulher do que jamais pensou ser. Um homem fêmea.

No discorrer de todo o texto, a atriz se posiciona sobre a “vitimização” do discurso feminista expondo sua posição claramente antifeminista e afirma que a diferença homem/mulher não é cultural, mas “biológica, carnal, imemorial”.

⁷ TORRES, Fernanda. *Mulher*. Disponível em: <<http://agoraequesaoelas.blogfolha.uol.com.br/2016/02/22/mulher/>>. Acesso em: 23 de abril de 2017, 18:30.

Neste trabalho de análise, consideramos como diferente o discurso antifeminista e o discurso machista, levando em consideração que o discurso antifeminista não trata a mulher como incapaz e/ou inferior, ao contrário, a formação discursiva antifeminista engrandece o papel da mulher frente ao homem quando afirma que as mulheres são melhores e mais capazes de cuidar dos filhos e dos afazeres domésticos enquanto que os homens seriam “incapazes” de viver sem os cuidados femininos. As antifeministas não creem na inferioridade feminina embasadas na falta de capacidade, mas sim, na diferença biológica entre homens e mulheres. A matriz da Formação Discursiva machista é conceituada na supervalorização das características masculinas pela crença de que homens são superiores às mulheres. O machismo significa a concepção de que mulheres são subordinadas aos homens. O antifeminismo, por sua vez, é o contrário de machismo, pois, não supõe que as mulheres são subordinadas aos homens, mas que homens e mulheres tem seu papel e local definido socialmente. As antifeministas não atacam ou criticam outras mulheres pelo fato de elas serem mulheres, inclusive convergem em muitos pontos, o ataque e a crítica é feito em relação à formação discursiva feminista. Frente ao exposto, buscamos responder ao seguinte questionamento: Como se constituem as formações discursivas (doravante FD) de mulheres que, marcadas por uma memória histórica de dominação do masculino sobre o feminino, enfrentam os questionamentos erguidos por mulheres feministas?

Buscaremos respostas para este questionamento com base na Teoria de Análise do Discurso da Escola Francesa (doravante AD). A teoria que utilizaremos é ancorada nas noções de Sujeito, Discurso e Ideologia proposta pelo teórico francês Michel Pêcheux.

Por se tratar nosso trabalho da análise de posicionamentos discursivos de sujeitos que expõem suas inscrições ideológicas, optamos pelo uso das noções propostas por Pêcheux.

Os conceitos trazidos para esse trabalho são importantes para nossa análise pois a AD além de entender a linguagem como uma produção social e o sujeito como construção heterogêneo e histórico, perpassado por ideologia, produz sentidos e considera as condições de produção histórico-social.

A linguagem então, a partir dos estudos propostos por Pêcheux, não é mais concebida como apenas um sistema de regras formais para estudos da discursividade, ela passa a ser pensada em sua prática, atribuindo valor ao

trabalho com o simbólico e com a divisão ideológica dos sentidos. Por todo exposto, faz-se essencial o uso das noções de Sujeito, Discurso e Ideologia para as análises que nos propomos.

Para delimitar o objeto de nossa análise, trabalharemos postagens e comentários de sujeitos enunciadore das páginas na rede social Facebook, mais precisamente nas páginas anti-discurso feminista denominadas “Mulheres contra o feminismo” e “Moça, eu não sou obrigada a ser feminista”, para comparar as formações discursivas entre as mulheres contra o discurso feminista utilizaremos os comentários em resposta as publicações das mesmas páginas.

Para um crescente número de mulheres, conforme podemos observar em nossas pesquisas na rede, o feminismo é um movimento ultrapassado, radical e desnecessário para os dias atuais.

A educadora Silvania Delduque, fundadora da página “Mulheres contra o Feminismo”, disse ao site *Isto É*, que acha que as mulheres devem resgatar o romantismo, visto como submissão pelas feministas. Ela também criticou as manifestações públicas dos grupos de igualdade de gênero. “Comecei a notar que muitas utilizam o rótulo de feminista para praticar atos de atentado ao pudor”, disse. Católica, ela acredita que atos que utilizam símbolos religiosos em performances sexuais desmoralizam as mulheres.

Tica Moreno, ativista feminista da Marcha Mundial das Mulheres, defende que, quando se busca uma mudança estrutural, é necessário ser radical. “As performances fazem parte da nossa estratégia, mas é importante compreender que o feminismo vai além das marchas”, diz. A ativista, Silvania questiona a necessidade da luta pela igualdade. “Hoje as mulheres têm seus direitos conquistados e amparos legais para recorrer”, diz. Sobre isso, Tica rebate: “A sociedade ainda precisa evoluir muito para que as mulheres sejam livres e autônomas, até lá, é necessário que levantem a voz por seus direitos e pela preservação de suas conquistas.”

Relacionando as posições discursivas em que os sujeitos se inscrevem, observamos que, ao enunciar ao site “Isto É”, Silvania Delduque, defende o discurso antifeminista a partir de um discurso tido por ela como familiar, social e também religioso, valores que, para a educadora, não são moralmente valorizados pelo Movimento Feminista. A formação discursiva da ativista feminista, Tica Moreno, sugere o oposto, sua enunciação propõe que o

discurso do Movimento Feminista permite maior liberdade e autonomia às mulheres, a evolução lenta e gradual que o Movimento vem obtendo, para ela, deve-se a seus extremados atos de manifestação.

É do interesse deste trabalho analisar a formação discursiva antifeminista que contrapõe às enunciações feministas. Para isso, falaremos, como analistas, do lugar social que nos inscrevemos debruçadas sobre nosso objeto de estudo, o discurso e sua análise, também em uma tentativa de entendermos os efeitos de sentidos do que é dito e o porquê de ser dito de determinada maneira ou não.

A partir da AD, abordaremos a importância da memória discursiva na formulação dos dizeres e na sustentação dos sentidos, bem como o papel da ideologia na produção dos efeitos desse sentido.

Partindo das análises, compreenderemos frente ao tema proposto, como os sujeitos que produzem os discursos presentes nas postagens/comentários da rede social se posicionam discursivamente em oposição ao discurso feminista, compreendendo como o posicionamento em objeção ao discurso feminista afeta a forma desses sujeitos se (re) construírem frente à luta pela igualdade feminina analisando os silenciamentos e as formações discursivas dos grupos em questão.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A Análise do Discurso

Ao sugerir, neste trabalho, a análise de postagens e comentários de uma rede social, passamos a fazer uma reflexão sobre o tema proposto à luz da Análise do Discurso de linha Francesa (AD).

No final dos anos de 1960, Michel Pêcheux (1938-1983), pesquisador francês, propôs uma teoria de análise do discurso. Baseado em importantes estudos realizados pelo teórico Louis Althusser em sua tese sobre Sujeito, Ideologia e Linguagem e nas análises trasfréctica de Harris em Discours Analysis.

Os estudos pêcheuxianos mostravam uma maneira distinta de pensar a linguagem. Enquanto para Althusser, o sujeito é o ideológico, humano e social, para Pêcheux era preciso que se levasse em conta o sujeito ideológico

mas também o sujeito da linguagem, da materialidade. A materialidade em uma perspectiva pêcheuxtiana, observa a relação entre o dizer e a memória que a AD entende como um acontecimento discursivo e não como um “documento” da história. O documento busca a imobilidade do arquivo, a institucionalização do dizer, diferente do acontecimento que é móvel e nos permite diferentes sentidos, não apenas os institucionalizados. O fato é mostrado no documento, mas se torna um acontecimento por ser um recorte do real, uma versão que produz efeito de sentido.

O que havia posto até então, era o que se pensava sobre estruturalismo, que negava sujeito e situação, e o gerativismo, que propunha um valor biológico à linguagem.

Se Saussure, na sua teoria estruturalista, separou língua e fala, separou ao mesmo tempo o que é social e o que é histórico. O gerativismo de Noam Chomsky, propunha o valor biológico à linguagem, partindo da explicitação dos conhecimentos iniciais trazidos pelo sujeito, de maneira que a aquisição da linguagem se dá, nesse conceito, em tempo e forma relativamente homogêneos.

Na AD, têm-se o social e o histórico indissociáveis. Eis a razão que conduz à concepção de que a língua é entrelaçada à exterioridade e concebida como uma materialidade que constrói, produz sentidos na relação do sujeito com o ideológico e o histórico. É a materialidade linguística que conduz o analista às fronteiras da língua, a relação linguagem e exterioridade é um sistema em constante movimento. As línguas são heterogêneas, não são sistemas perfeitos, prontos e acabados.

A Análise do Discurso surge então nesse entremeio⁸, questionando o formalismo da linguagem e a negação da exterioridade como fato relevante à linguagem. A AD aborda novos materiais textuais e considera inseparáveis os dispositivos teóricos e analíticos. Para Pêcheux, em sua formulação dos conceitos e métodos da Análise do Discurso, Marx⁹ e Freud¹⁰ eram figuras

⁸ Para Orlandi, “A AD trabalha no entremeio, fazendo uma ligação, mostrando que não há separação estanque entre a linguagem e sua exterioridade constitutiva” (1996:25).

⁹ Karl Marx (1818-1883) foi o criador da Teoria marxista, que formulou seu pensamento baseado na realidade social da sua época.

¹⁰ Sigmund Schlomo Freud (1856-1939) foi médico neurologista criador da Psicanálise, trouxe o conceito de inconsciente em uma teoria da sexualidade. Estruturou o aparelho psíquico como um iceberg, onde o submerso – inconsciente – não é voluntariamente controlado.

fundamentais, assim como era a Linguística de Saussure. Justamente por isso, por aliar o recorte linguístico com os pensamentos de Freud e Marx, a AD foi formulada pela tríplice aliança, onde os pontos foram fundamentais para a sua formulação teórica. Além da Linguística proposta por Saussure, tem-se as problemáticas trazidas pela leitura de Marx, especialmente no que diz respeito ao materialismo histórico, e a teoria do inconsciente, relacionada a Freud. A AD procura representar a historicidade, o social, e a ideologia de um modo particular, tomando de Saussure o seu conceito de *langue* como suporte de processos discursivos indissociáveis o sujeito e da história. Pêcheux (1995), considera que essas são as bases do objeto de análise e estudo do discurso, uma concepção onde se cruzam a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise.

A linguagem então, a partir dos estudos propostos por Pêcheux, não é mais concebida como apenas um sistema de regras formais para estudos da discursividade, ela passa a ser pensada em sua prática, atribuindo valor ao trabalho com o simbólico e com a divisão ideológica dos sentidos, por isso é materialidade.

O objeto de estudo deixa de ser a frase estruturada gramaticalmente (o sintagma), para ser o discurso, uma vez que foge da interpretação palavra por palavra, como uma sequência fechada em si mesmo e de sentido completo, passando a ser analisada em seu todo.

Faz-se essencial frisar que a AD não se presta a uma análise de conteúdo, ou seja, a trabalhar com o texto e seus múltiplos sentidos como um objeto completo, fechado, finito. Como observa Orlandi (2009, p. 17):

A Análise de Conteúdo, como sabemos, procura extrair sentido dos textos, respondendo à questão: O que esse texto quer dizer? Diferentemente da análise de conteúdo, a Análise do Discurso, considera que a linguagem não é transparente. Deste modo, ela não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado. A questão que ela coloca é: Como este texto significa?

Sendo assim, não pretendemos extrair sentidos dos textos que serão analisados, até porque para a AD o sentido da palavra ou expressão não existe por si mesmo, não estaria encoberto aguardando ser desvendado.

Não devemos confundir discurso com “fala” na dicotomia proposta por F. de Saussure onde, um esquema de comunicação sistematiza seus elementos e define o que é mensagem. Nesta leitura do CLG, ao estudar os signos, o

estudioso examinaria os elementos da linguagem sincronicamente, e relegaria a Diacronia, a fala, baseando-se no estudo da estrutura da língua, e do uso coletivo, comum a todos os falantes, desprezaria o individual, por considerar que a língua é homogênea e dinâmica. Para o teórico, os signos são exteriores aos indivíduos e devem ser estudados separados da fala, o teórico foi o precursor nos estudos dedicados a comunicação.

A partir da proposta de Saussure, Roman Jakobson, propõe um esquema de comunicação e expressão, sistematiza os elementos e define o que é mensagem. Neste esquema, o russo ao estudar cientificamente a língua propõe, uma “Teoria do Sistema de Comunicação”, e a relaciona a um componente do processo comunicativo. Um esquema que explica os elementos envolvidos em uma comunicação. Cada elemento estaria relacionado a cada uma das funções que ocorrem concomitantemente nas trocas de mensagens, evidenciando o estilo da comunicação, leva-se em consideração apenas a transmissão de uma informação de um emissor a um receptor com linearidade na disposição dos elementos dessa comunicação como se sempre assim acontecesse: O emissor transmite uma mensagem qualquer, baseando-se em um código (mensagem), o receptor capta a mensagem, decodifica e assimila a informação.

Parafrazeando o conceito de Discurso de Pechêux (1995), a AD propõe que toda mensagem, todo discurso que é realizado sobre o processo de significação e (re) significação, são afetados pela língua e pela historicidade dos sujeitos, sendo assim, temos muito mais do que simples transmissão de informação, temos, de modo mais geral, um “efeito de sentidos entre locutores” e, complexas teias discursivas sendo tecidas. Como afirmam Pêcheux e Fuchs, (1975, p. 170) “os processos discursivos, (...) não poderiam ter sua origem no sujeito. Contudo eles se realizam necessariamente neste mesmo sujeito”. Essa afirmação, aparentemente contraditória, nos leva a pensar na formação do sujeito e ao que chamamos de seu assujeitamento. Sobre esta questão, faz-se necessário que esclareçamos algumas ambiguidades que o texto de 1969 nos mostra com relação às “condições de produção”, onde o sentido concreto e o sentido empírico¹¹ do termo tem o mesmo efeito e são

11

O sentido concreto baseia-se em fatos comprovados pela ciência e o sentido empírico é o conhecimento adquirido pela vivência e em experiências próprias.

colocados no mesmo eixo. “Os papéis mais e menos conscientes colocados em jogo” (ibidem, p.171). Aqui, a produção do sentido determina a situação vivida pelo sujeito no sentido de suas atitudes, representações, etc., e independem de uma situação experimental. Orlandi (2007, p.15) nos diz:

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata a língua, não trata a gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.

Isso reafirma nossa explanação a respeito da teoria da Análise do Discurso. A teoria discursiva nos traz o sentido como um todo, indo além, parafraseando Pêcheux (1975), o discurso é o efeito de sentido entre locutores, assim sendo, não há intuito de tão somente transmitir uma informação pois os sentidos são diretamente afetados pela história no funcionamento da linguagem, e esses mesmos sentidos são mutáveis no tempo/história e seus efeitos são múltiplos e diversos.

Conforme Orlandi (2012), existem “Leituras possíveis” para um mesmo texto e essas leituras são afetadas/determinadas pela ideologia que o sujeito está inscrito.

Esses efeitos [múltiplos e diversos] em que o sujeito se inscreve no seu discurso o torna capaz de materializar o significante e a produzir novos sentidos quando inscrito em, pelo menos, uma FD.

A materialidade significante limita o sentido e os efeitos causados por ele, ou seja, a imagem de uma banana jamais significará/representará uma ameixa, porém, ao nos depararmos com a imagem de um travesti, poderemos fazer a leitura da imagem de uma mulher dependendo da FD a qual nos inscrevemos (Fernandes, 2015), pela formação ideológica do sujeito que se torna impossível afirmar que existe uma interpretação uma ou correta de qualquer texto, gráfico ou imagético. A materialidade onde o texto se manifesta significa de maneira diferente. Embora a imagem não fale, significa, e entendê-la como discurso nos propicia significar a partir de um ponto de vista histórico, social e ideológico. Segundo Fernandes (2017), não lemos a imagem do

mesmo modo e com o mesmo significado porque a lemos de lugares ideológicos distintos e a materializamos de maneira diferente.

A autora (ibidem) ainda esclarece que, essa materialização da imagem em discurso pode fascinar ou espantar o olhar, encantar o leitor da imagem ou o confundir, podendo direcioná-lo conforme a intenção do autor.

Quando uma imagem é posta à interpretação, existem as intenções primeiras do autor que não garantem a produção de sentidos esperada por parte de interlocutor, tendo em vista, conforme dissemos anteriormente, que este interlocutor está afetado por sua historicidade e ideologia, o mesmo fará a interpretação que lhe for possível considerando os fatores mencionados. Pelo exposto, nossa leitura diverge da proposta de Roman Jakobson, pois a produção de sentidos não se trata apenas de mera “transmissão de mensagem”

2.2. Por falar do assujeitamento e do esquecimento

Para que possamos falar em assujeitamento, apresentaremos, brevemente, a reflexão central da teoria proposta por Louis Althusser, a saber, Interpelação Ideológica, que para o teórico, seu funcionamento transforma indivíduos em sujeitos. Assim apresentado, será possível compreender a tese fundamental do autor: “toda ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos” (Althusser, 1992, p. 93). Para o autor, os sujeitos possuem uma relação imaginária com o mundo real (com sua relação real de existência), logo, nas palavras do próprio, “são invocados ou interpelados como sujeitos concretos pela ideologia” (ibidem p. 93) e são interpelados por ela desde o seu nascimento.

Em uma primeira formulação de Althusser, quando discorria sobre sua tese, percebe-se que seu funcionamento “recruta” sujeitos dentre os (...) indivíduos ou 'transforma' indivíduos em sujeitos (...). (Althusser, 1992, p. 96,97). Em outras palavras, o indivíduo é interpelado pela ideologia e se torna sujeito pelos resultados “positivos” dessa interpelação. Assim sendo, pode-se afirmar, de forma simplificada, que aqui ocorre uma identificação do indivíduo no discurso de seu semelhante. Essa identificação torna-o sujeito do discurso como efeito de origem. (Pinto, 1989).

O conceito althusseriano de assujeitamento surge como um mecanismo de duplo efeito: nós nos reconhecemos como sujeitos e nos assujeitamos a um sujeito absoluto. De acordo com ele, o assujeitamento não está presente apenas nos pensamentos, mas em um conjunto de práticas, que se encontram em um grupo de instituições concretas. Para o teórico, a ideologia não é produto do pensamento das pessoas: é a própria existência material definindo o que as pessoas pensam.

Partindo dos estudos de Marx, o autor afirma que a reprodução da força de trabalho requer não só uma reprodução de suas habilidades, como também, e ao mesmo tempo, a reprodução de sua submissão às regras da ordem estabelecida. Ao estudar Marx, o autor propõe uma modificação da teoria política marxista no tocante aos Aparelhos Ideológicos do Estado¹², que passam a ser vistos constituindo instituições aparentemente neutras, tais como o sistema educacional, as instituições religiosas, a família, entre outros, e não mais apenas instituições repressivas (ARE)¹³ (Exército, sistema presidiário, sistema jurídico, polícia) nestes aparelhos, a classe dominante tem o poder e dispõe da força conforme deseja.

A distinção essencial entre aparelhos repressivos do Estado (ARE) e aparelhos ideológicos de estado (AIE) para Althusser está em que “enquanto o primeiro funciona basicamente através da violência”, o segundo “funciona basicamente através da ideologia”. O que faz com que não sejam confundidos tais aparelhos é o fato de que o primeiro “funciona predominantemente através da repressão (inclusive física) e secundariamente através da ideologia” (Althusser, 1992, p.70). As Instituições (família, Igreja, Escola e outras) determinam o lugar da mulher na sociedade e também no imaginário de mulher feminina. A produção do discurso antifeminista reafirma o lugar social e histórico da mulher quando a apresenta como frágil, quando impõe a ela que esteja esteticamente de acordo com o imaginário idealizado (magra, feminina, depilada, entre outros). O lugar social da mulher é, segundo o discurso antifeminista, o lugar dos “privilégios” que somente as “boas mulheres”

¹² Para Marx o Estado não é o ideal de moral ou de razão, mas uma força externa da sociedade que se põe acima dela não para conciliar interesse, mas para garantir a dominação de uma classe por outro e a manutenção da propriedade.

¹³ Os aparelhos repressivos do Estado ocupam e desempenham, na teoria de Marx, um papel fundamental para a existência e reprodução do poder nas sociedades modernas: são decisivos para assegurar a dominação do Estado e da burguesia em relação à sociedade.

ocupam. A mulher deve ser digna, honesta, seguir os preceitos religiosos do cristianismo, ser excelente mãe e exímia esposa. Se doando aos afazeres “femininos”, gerar e cuidar os filhos, dedicar-se ao esposo e manter-se “respeitável”.

Esses aparelhos do Estado, através das Instituições, tanto os da ideologia marxista como propunha Althusser, ou os defendidos por Pêcheux, interpelam ideologicamente os sujeitos que, nas palavras de Paul Henry (1997, p.33), “o sujeito para Althusser é o sujeito da ideologia, e não há outro sujeito senão este da ideologia”, Althusser não estava particularmente interessado pela língua/linguagem como propunha pensar Pêcheux.

Pêcheux repensou a partir da tese ponderada por Althusser, o desdobramento do sujeito, as relações da linguagem, da materialidade, da plasticidade da língua, o efeito ideológico, as evidências pelas quais somos sujeitos e somos assujeitados. Chegamos, então, à alma daquilo que nos apresenta Michel Pêcheux, as relações entre linguagem e ideologia, nas palavras do próprio autor (1997, p. 165)

A modalidade particular do funcionamento da instância ideológica quanto à reprodução das relações de produção consiste no que se convencionou chamar interpelação ou assujeitamento.

A própria possibilidade de ser sujeito provoca o assujeitamento, conforme Orlandi (2010, p.19) em relação ao sujeito assujeitado: “ele está sujeito à (língua) para ser sujeito de (o que diz).”

Ainda conforme a autora, não podemos “medir” o assujeitamento, não proporcionamos ou quantificamos o sujeito em mais ou menos assujeitado, assim como também não podemos afirmar que ele é total ou parcialmente assujeitado. Orlandi (ibidem, p.19) afirma:

O assujeitamento não é quantificável. Ele diz respeito à natureza da subjetividade, à relação do sujeito pela sua relação constitutiva com o simbólico pela ideologia: se é sujeito pelo assujeitamento à língua na história. Não se pode dizer senão afetado pelo simbólico, pelo sistema significante. Não há sentido nem sujeito se não houver assujeitamento à língua.

Frente aos estudos propostos pelos teóricos aqui abordados com relação ao assujeitamento, nossa compreensão, é de que todo indivíduo é

interpelado enquanto sujeito (à língua/pela língua) pela ideologia e, então passa a ser assujeitado, não mais livrando-se desta condição.

Refletindo sobre o assujeitamento, aproximamos a noção de esquecimento conforme Pêcheux (1997) tendo em vista o sujeito do discurso ser o sujeito ideológico, assujeitado e não psicológico. Dessa maneira, o esquecimento atravessa o sujeito tanto pela ideologia quanto pelo inconsciente, este (o sujeito) se constitui na fonte e origem dos processos discursivos que enuncia, uma vez que estes são determinados pela FD na qual o falante está inscrito. Contudo, esse sujeito tem a ilusão de ser esta fonte, origem do seu discurso.

M. Pêcheux e C. Fuchs (1997, p.166) nos falam sobre essa modalidade particular de funcionamento que, em suas definições, reconhecem como esquecimento nº1. A citação que trazemos nos fala a respeito da condição de inserção do sujeito em uma classe social.

(...) cada um seja conduzido, sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade, a ocupar o seu lugar em uma ou outra das duas classes sociais antagônicas de modo de produção.

A partir do que nos dizem os autores, observamos que o sujeito é levado a crer que se insere em determinado grupo por sua própria escolha, o que para os mesmos, não é real pois, desde que é interpelado em sujeito, este passa a ser assujeitado e é interpelado por uma ou mais formações ideológicas. Este processo da crença ilusória em uma realidade de livre vontade mas já previamente existente, os autores denominam, esquecimento nº1 e é do tipo inconsciente.

O esquecimento Nº 2 é o do tipo consciente ou, pré-consciente e difere do primeiro esquecimento que é de natureza inconsciente no sentido em que “a ideologia é inconsciente dela mesma” (ibidem. p.177). O sujeito manipula a linguagem e reformula tendenciosamente seu enunciado, isso ocorre na medida em que o sujeito se corrige para reformular seu dizer de maneira a atingir os efeitos que deseja.

Em outros termos, colocamos que a relação entre os “esquecimentos nº 1 e nº 2” remete à relação entre a condição de existência (não subjetiva) da ilusão subjetiva e as formas subjetivas de sua realização.

O esquecimento número 2 é o que Pêcheux e Fuchs chamam de zona do “rejeitado” (ibidem. p.176) e está mais ou menos próxima a consciência, trazendo como exemplo, é a enunciação onde o sujeito pensa em dizer, mas não diz, os autores identificam neste efeito de ocultação uma fonte de impressão de realidade onde o sujeito “sabe o que diz” e “sabe o que não diz”.

Orlandi (2005), retoma as duas formas de esquecimento no discurso propostas por Pêcheux. Tais esquecimentos são importantes por possuírem um papel fundamental na cristalização dos sentidos, responsáveis por criar o efeito de um sujeito pleno com o controle do que diz e o efeito de língua como sistema transparente, produtor de sentidos evidentes. O primeiro esquecimento (inconsciente) é o esquecimento ideológico: o sujeito pensa ser a fonte do sentido quando, na verdade, ele apenas retoma sentidos já-ditos, a partir do trabalho que o inconsciente e a ideologia realizam sobre ele. O segundo esquecimento (consciente, ou ainda, pré-consciente) é o de que aquilo que o sujeito diz significa exatamente aquilo que ele quis dizer, e não poderia ser dito de outro modo, faz-se necessário dizer que os esquecimentos são vistos nos comentários do facebook de maneira a serem considerados para as análises.

2.3 A ideologia, a interpretação, a compreensão e o imaginário

Não fugimos da ideologia assim como não conseguimos escapar da interpretação. Adiante falaremos na interpretação, por hora, tomemos a ideologia como partida.

O trabalho da ideologia, para Orlandi (1999, p.46), é “produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência”, dito isso, a autora caracteriza a ideologia como condição para a constituição dos sentidos onde o sujeito é interpelado social e historicamente para que produza seu dizer. “Assim considerada, a ideologia não é ocultação, mas função da relação necessária entre linguagem e mundo” (Orlandi, 1999, p.47).

A relação simbólica entre língua e mundo precisa se inscrever na história. Essa inscrição para efeitos materiais se dá através do discurso. Não há discurso sem sujeito bem como não há sujeito sem ideologia. Logo, ideologia e inconsciente estão materialmente ligados pela língua.

Para pensarmos em ideologia na perspectiva que estamos buscando, retornaremos a falar em interpretação.

A língua está ligada à história. A interpretação é pautada necessariamente por condições e possibilidades, ela não é somente simples gesto de decodificação de sinais e/ou sentidos. Orlandi (1999, p. 47), nos fala sobre interpretação da seguinte maneira: “A interpretação não é livre de determinações: não é qualquer uma e é desigualmente distribuída na formação social.”

Assim como os sujeitos são interpelados pelas formações ideológicas, tendo ou não consciência disto, os sujeitos fazem, ou ainda, são levados a fazer suas interpretações de seus lugares ideológicos. Por exemplo, o lugar do analista de discurso é diferente do lugar de interpretante.

Tendo perspectiva de que a leitura é “produzida” (ibidem, p.08), o analista conhece sua responsabilidade em mostrar as condições em que se produziu esse texto/leitura buscando os conceitos de acordo com seu gesto de interpretação e análise.

A interpretação como atividade languageira necessita dar e produzir sentido sempre, diante de todo e qualquer objeto simbólico o homem é levado a interpretar e significar.

Tendo como ideia que a interpretação jamais é fechada ou de único sentido, vejamos o que diz Orlandi (1999, p. 27), sobre a interpretação do analista:

Não há esta chave [a da leitura], há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem (...). Cada material de análise exige que seu analista, de acordo com a questão que formula, mobilize conceitos que outro analista não mobilizaria face a suas (outras) questões. Uma análise não é igual a outra porque mobiliza conceitos diferentes (...). Um mesmo analista, aliás, formulando uma questão diferente, também poderia mobilizar conceitos diversos, (...).

A presença de ideologia é afirmada quando não separamos o sentido da interpretação. Não há sentido sem interpretação.

Pêcheux (1995), afirma que “a interpretação é um “gesto”, ou seja, é um “ato no nível simbólico”. Este “gesto” interpretativo é uma característica importante da interpretação, ele sempre se dá de um lugar da história e tem uma direção. Pelo exposto podemos observar que a “interpretação é inerente

ao sujeito enquanto a compreensão depende dos processos discursivos que esse mesmo sujeito está acessível. ” Para Orlandi (1996, p. 84), os gestos interpretativos distinguem o sujeito interpretante comum e o sujeito analista, sendo este último lugar, o local que nos inserimos neste trabalho.

Enquanto o gesto de interpretação do sujeito interpretante comum se dá a partir de um dispositivo ideológico, a interpretação do analista parte do dispositivo teórico.

Nos dois gestos temos mediação. Mas mediação da posição construída pelo analista não reflete, ao contrário, trabalha a questão da alteridade. Na mediação do dispositivo ideológico, o sujeito está sob o efeito do apagamento da alteridade (...): daí a ilusão do sentido lá, de sua evidência.

Dito isso, reafirmamos, a partir das leituras feitas, que o analista faz as interpretações debruçado sob teorias enquanto o sujeito interpretante comum é cegado por toda sua carga ideológica e sua historicidade sofrendo assim o apagamento de sua alteridade, o sujeito comum está sendo levado a interpretar de uma ou outra maneira.

De acordo com Orlandi (ibidem, p.85) a posição do analista é assim caracterizada:

Pelo processo de identificação, como sabemos, o sujeito se inscreve a uma formação (e não em outra) (...) Ele não reconhece o movimento da interpretação, ao contrário, ele se reconhece nele. Ou melhor, ele se reconhece nos sentidos que produz.

Sendo sujeito, o analista também é interpelado ideologicamente contudo, busca o maior afastamento possível para a ideal realização de sua análise, ainda conforme a autora (ibidem, p.85), “Numa posição que entremeia a descrição com a interpretação e que pode tornar visíveis as relações entre diferentes sentidos. ”

Deste modo, reafirma Orlandi (ibidem), ficamos “sensíveis ao fato de que a descrição está exposta ao equívoco” estando o sentido em iminência constante de tornar-se outro. Orlandi (ibidem, p. 88) sobre a interpretação do analista nos diz:

O analista não só procura compreender como um texto produz sentidos, ele procura determinar que gestos de interpretação trabalham aquela discursividade que é o objeto de sua compreensão. (...) ele procura distinguir que gestos de interpretação estão constituindo os sentidos (e os sujeitos, em suas posições).

O sujeito, na posição de analista, deve compreender o gesto de interpretação e não buscar os sentidos dos mesmos. Dito isso, embasados no que nos diz a teoria, podemos crer que há uma possibilidade de inserção da ideologia do sujeito analista, sendo o mesmo também atingido pelo dispositivo ideológico de interpretação ao qual todo e qualquer sujeito falante está exposto, todavia o analista se vale de mecanismos de controle dos sentidos e procura sempre pautar-se nas teorias que lhe são caras.

A interpretação e a ideologia se confundem na produção do imaginário. A interpretação é sempre norteada por condições específicas que nos parecem únicas, universais e eternas. A ideologia produz o que conhecemos como efeito de evidências, mantendo-se através do que já foi dito e naturalizado.

Para os estudos de Pêcheux (1988), o sujeito, quando diz “eu” (ego), o faz a partir de sua inscrição no simbólico e inserido em uma relação imaginária com a “realidade” do que lhe é dado a ser, agir, pensar. Essa relação estabelecida com a “realidade” é da ordem do imaginário, algo que se produz após a entrada do sujeito no simbólico e impede que o sujeito perceba ou reconheça sua constituição pelo Outro, ou seja, não percebe que se encontra convocado a se colocar no simbólico e partir do simbólico para dizer “eu” e para se referir a um mundo já significado.

Além disso, segundo Orlandi (1988), o sujeito é múltiplo porque atravessa e é atravessado por vários discursos, porque não se relaciona mecanicamente com a ordem social da qual faz parte e representa vários papéis, sendo eles, conscientes ou não. A mulher assume diferentes papéis sociais e sua posição sujeito se altera entre essas posições. A mulher pode ser a esposa, a mãe, a filha, a funcionária, entre outros, porém a posição sujeito, ao qual nos referimos comprova a alteração de posição quando uma mulher, na posição “filha” se inscreve em determinada posição ideológica que, quando na posição “mãe” não aceita ou não concorda. Por exemplo, o sujeito mulher na posição filha naturaliza o fato de sair a noite desacompanhada, já quando esse mesmo sujeito passa à posição de mãe, desnaturaliza e muda sua inscrição ideológica por materializar conscientemente ou não os perigos aos quais uma

adolescente pode estar exposta ao andar desacompanhada durante a noite.

Ao abordarmos neste trabalho formações discursivas de sujeitos que se identificam como antifeministas e analisá-las ao compará-las as formações discursivas de sujeitos identificados como feministas, observamos a produção do imaginário na perspectiva de que as mulheres devem obrigatoriamente ter determinada atitude e discurso. Essa obrigatoriedade nos parece ideológica quando, historicamente há uma dominação do masculino sobre feminino e biologicamente as mulheres são vistas como inferiores sendo rotuladas como frágeis, delicadas e outros tantos adjetivos que poderemos sem dificuldades observar em qualquer formação discursiva antifeminista.

Nos parece comum a construção de um imaginário de mulher onde ela é a dona de casa e mãe perfeita, lava, passa, cozinha e cuida a família com extrema dedicação e eficiência. Este produto imaginário, a nosso ver, nada mais é de que a produção do efeito de evidência que historicamente é produzido e foi naturalizado. A interpretação que se faz automaticamente desta “mulher ideal” foi norteadada pela condição em que ela se colocou ou foi posta historicamente. A interpretação e a ideologia estão imbricadas na produção do imaginário. A mulher pode assumir distintos papéis na sociedade, porém existem os trabalhos socialmente aceitáveis (domésticas, babás, vendedora, recepcionista, costureira, professora, etc), o espaço destinado às mulheres são aqueles que foram internalizados como femininos, os trabalhos ditos “para homem” (construtor civil, motorista, office boy, vigia, etc). Embora a mulher, cognitivamente, tenha a mesma capacidade do homem, a ideologia imposta nos diz que os trabalhos braçais devem ser desempenhados por homens. Já se vê em alguns setores (polícia e exército, por exemplo) mulheres ocupando cada vez mais espaços, porém, os espaços destinados a elas ainda carregam a carga desse posicionamento ideológico e o apagamento sofrido por elas é claro. Ao entrarmos em um espaço determinado historicamente como masculino, em um quartel do Exército Brasileiro, por exemplo, poderemos observar que as mulheres, quase em sua totalidade, trabalham em setores administrativos e burocráticos. Esses lugar dado às mulheres reafirma que a memória discursiva é o local de sentidos já cristalizados e legitimados na sociedade.

A ideologia nos parece ser a interpretação de sentidos em determinada direção, marcada pela relação linguagem/história em seus sistemas

imaginários . Todo sentido, para AD, se constitui a partir de outros sentidos já cristalizados pela sociedade e, é a partir desses sentidos em constante (re)construção que as feministas buscam seu espaço e tentam romper com o imaginário já posto fazendo deslizar os sentidos e desnaturalizar esses papéis impostos a homens e mulheres.

2.4 O sujeito e a formação discursiva

A AD entende a leitura como uma interação não do leitor com o texto mas, do leitor com outros sujeitos através do texto (Orlandi,2008, p.09). Sendo assim, o analista do discurso se debruça sobre o que será analisado tendo consciência de que todas as leituras são feitas afetadas pela ideologia histórica e, a partir de uma FD que não tem domínio sobre a interpretação.

Para a AD, o sujeito é essencialmente ideológico e histórico, pois está inserido num determinado lugar e tempo. Com isso, ele vai posicionar o seu discurso em relação aos discursos do outro, estando inserido num tempo e espaço socialmente situados.

A noção de sujeito na análise do discurso surge de duas formas: o sujeito empírico e o sujeito psicológico, essas formas se colocam na origem, vezes com o controle do sistema, vezes completamente identificado a ele.

Conforme Orlandi (1996, p.26) a “redução da noção de linguístico, isto é, o recobrimento produzido por essa noção, sobre outras duas, da linguagem e da linguística” é neste espaço que a AD trabalha, “Pensando um linguístico que não é da linguística, embora pressuponha sua existência” (ibidem, p.26)

Elucidando a noção de sujeito na Análise do Discurso, Orlandi (1996, p.26,27) nos diz:

Ser crítico a essa redução significa contrariar a reflexão sobre o sujeito nas duas formas em que falamos e que assim se representam na linguística: nem o idealismo subjetivista da teoria da enunciação (sujeito individual) nem o objetivismo abstrato (sujeito universal) dos formalistas. Recusar esse sujeito ascético, o da mente (o biológico) sujeito/falante/ouvinte ideal, sem história, como também não se iludir com o individualismo subjetivista que exclui igualmente o histórico.

A noção de sujeito em que a AD de linha francesa se pauta acredita que o sujeito é ideológico, inconsciente e simbólico. Nessa perspectiva, os sujeitos

são seres sociais que se fazem partindo de uma identificação com sua historicidade.

Conforme afirma o teórico da Enunciação, E. Benveniste (2005, p. 286), “é na (e pela) linguagem que o homem se constitui como sujeito”, é a partir do que diz o teórico que nos é cara a capacidade do homem em posicionar-se como sujeito. Ainda conforme o autor, o sujeito se apropria do pronome “eu” para designar a consciência de si. Para Pêcheux (1997), o sujeito do discurso não se pertence, ele se constitui pelo esquecimento daquilo que o determina.

Se recorrermos à gramática normativa, dentre às várias categorias de sujeito, podemos encontrar intensa diferença entre sujeito do discurso e sujeito gramatical (oculto, simples, composto, determinado, indeterminado), segundo Orlandi (2005, p.50), “(...) O sujeito gramatical cria um ideal de completude, participando do imaginário de um sujeito mestre de suas palavras: ele determina o que diz”. Dessa forma ele enuncia na ilusão de escolher e definir o que diz, de controlar os sentidos, mas não sabe que, antes, ele é determinado tanto por seu lugar subjetivo possível na condição de sua enunciação.

O sujeito não tem como controlar os sentidos como um todo, pois eles podem sempre vir a ser outros na relação com o outro nas variações do tempo e do espaço em que ocorrem as enunciações, o sujeito, neste caso, passa pelo esquecimento nº 1, conceito ao qual falaremos a seguir, conforme Orlandi (2005, p.50).

Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se não sofrer aos efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história, ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos.

Esse “sentido”, ao qual a Análise do Discurso se debruça, não está fixado, ao menos pode ser qualquer sentido, para ele (sentido) há uma determinação histórico-ideológica que é constitutivo do mesmo.

O sentido resulta da inscrição do sujeito em uma formação discursiva, já que uma mesma palavra varia de uma formação discursiva para outra. Nas palavras de Orlandi (2012, p.55), “a formação discursiva é a projeção da ideologia no dizer”. A formação discursiva, na concepção da autora, é heterogênea e é sempre passível de vir a ser outra e acomoda outras

formações discursivas, toda a FD remete a uma dada formação ideológica já existente.

Em outras palavras, a AD parte do pressuposto de que os sentidos não pairam em um mundo ideal ou transcendental. Pelo contrário, ela afirma que os sentidos só são possíveis a partir de sua materialização na linguagem.

O conceito de formação discursiva foi elaborado por Michel Foucault (2004) e, para o teórico, um grupo de enunciados está relacionado a um sistema de regras comuns que são determinadas historicamente.

Pêcheux revê essa noção e a ressignifica para a análise do discurso afirmando que o sujeito é o resultado da relação existente entre história e ideologia.

Pechêux (1988/[1975]; p.160), define formação discursiva da seguinte maneira:

aquilo que em uma formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada, determina pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc...)

O que implica em dizer que os sentidos sempre são formados ideologicamente e não estão predeterminados na língua, mas se encontram constituídos nas e pelas formações discursivas.

Para a realização deste trabalho relacionaremos, com base na Teoria de Análise do Discurso da Escola Francesa proposta por Michel Pêcheux, as posições discursivas às noções de Sujeito, Discurso e Ideologia e analisaremos as formações discursivas originadoras de sentidos que configuram matrizes discursivas antagônicas. Estão imbricadas neste trabalho as Formações Discursivas Antifeministas e Feministas.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste projeto, propomos analisar o discurso antifeminista e para tanto utilizaremos recortes de sequências discursivas extraídas de páginas da rede social a serem analisados, serão todos retirados do site de relacionamentos *Facebook*, a saber, “Mulheres contra o feminismo” e “Moça, eu não sou

obrigada a ser feminista”, páginas anti-discurso feminista. Muito embora os discursos a serem analisados sejam de páginas disponíveis na internet, isso não significa necessariamente que seu lugar de origem terá sido este meio, tendo em vista que, muitos dos assuntos quando chegam até a rede social, foram primeiramente apresentados em programas de televisão, jornais e/ou outros meios de comunicação, em canais abertos, de fácil acesso ou não.

Também devemos observar que os discursos a serem analisados prestam-se a sujeitos femininos e também masculinos, enunciadores nestas páginas. Analisar, portanto, na perspectiva que adotamos, não é só codificar e decodificar, mas considerar os efeitos de sentidos, a ideologia, conforme nos orienta a teoria da análise discursiva de linha francesa. O primeiro passo foi compor nosso arquivo de pesquisa que foi construído a partir da delimitação do tema de análise. Coletamos postagens disponibilizadas na rede social Facebook. As postagens representam Sequências Discursivas produzidas por sujeitos que se identificam como antifeministas, pois notamos a frequência com que esses discursos (conservador e de resistência antifeminista) enunciam sobre o papel da mulher e como o gesto de interpretação do discurso feminista é materializado neles, segundo o gesto interpretativo das antifeministas.

Após, realizamos a delimitação do nosso corpus, através da análise dos discursos sobre a mulher materializada nos recortes coletados, considerando nosso objetivo de analisar o funcionamento do discurso antifeminista. Quanto as postagens, decidimos por dois recortes de temas polêmicos e recorrentes nas redes sociais e quatro sequências discursivas. O primeiro trata das relações do corpo e da (não)feminilidade, da imposição social por questões como a depilação feminina e a carga que a não depilação acarreta para as mulheres que optam por ela, a idealização do corpo perfeito através da ideia de que o corpo bonito e saudável é um corpo magro, mas não somente magro como também, modelado; no segundo recorte, trataremos de assuntos relativos ao comportamento e a imposição social que é dirigida à mulher pela maternidade e a “obrigatoriedade” da mulher em ter o instinto materno “natural”, temos a possibilidade de analisar o comportamento cobrado e esperado da mulher e toda carga ideológica e social imposta pelo imaginário coletivo que determina como deve ser sua vida pessoal, sua atividade sexual e, até mesmo, com quem ela deve se relacionar. Logo, sabemos previamente que estas postagens materializam e fazem circular um discurso sobre a “mulher

ideal” e procuramos compreender o funcionamento desse discurso.

5. ANÁLISES

É frequente nas páginas das redes sociais o apelo imagético em busca de atenção do “visitante” da mesma. A imagem tornou-se a linguagem mais popular e significativa para os sujeitos, seja por intermédio de postagens, comentários ou emojis.¹⁴

Com o crescente crescimento do uso da materialidade dessas imagens, observamos também abundar discursos onde os sujeitos querem mostrar seu ponto de vista, sua opinião, sua concordância e/ou sua revolta.

Analisamos recortes de postagens das páginas da rede social facebook selecionadas para este estudo, que são consideradas relevantes para as discussões propostas pelo trabalho.

Analisaremos os gestos de interpretação de quatro produções visuais que causam polêmica na rede social Facebook. Trataremos de recortes de quatro postadas nas páginas de apoio ao movimento Antifeminista em que o enfoque principal é a crítica ao comportamento e à aparência feminista. O primeiro recorte a ser analisado trata a (não) depilação, o segundo a obesidade, terceiro, maternidade e quarto recorte trata a relação comportamental através dos relacionamentos. Para as ativistas antifeministas, o sujeito feminino deve seguir uma “linha” de comportamento social, servil, religioso e adequado ao que foi ideologicamente e historicamente construído como ideal para que o sujeito possa ser considerado feminino. Faz parte do discurso feminista a tentativa de desconstrução da imagem de um sujeito feminino frágil que tenha seu comportamento delimitado pelas normas sociais impostas historicamente.

¹⁴ **Emoji** é de origem japonesa, composta pela junção dos elementos *e* (imagem) e *moji* (letra), e é considerado um pictograma ou ideograma, ou seja, uma imagem que transmitem a ideia de uma palavra ou frase completa. Disponível em: <https://www.significados.com.br/emoji/> acesso em 26/09/17 14H15M.

5.1 SOMOS QUEM DEVEMOS SER? A construção da imagem e do comportamento da figura feminina

Em uma época em que, 8 em cada 10 brasileiros acessam a rede social Facebook¹⁵, compreende-se que as imagens cumprem seu papel bem mais rápido de que longos textos gráficos. Os discursos ali apresentados, atingem mulheres e homens em termos culturais, religiosos, sexuais e familiares. As imagens são, ao mesmo tempo, um meio de educação pela “moral” e pelos “bons costumes”, quando os sujeitos que se inscrevem na FD defendida pelo movimento antifeminista as usam para reforçar a ideia de que as mulheres não podem nem devem comparar-se aos homens por, dentre outros, serem biologicamente diferentes deles. Já as ativistas feministas utilizam-se destas mesmas imagens a fim de erguer suas resistências, naturalizar o que, até então, aceitava-se quando visto nos homens, como o que acontece nas postagens que traremos mais adiante.

Para a maioria das pessoas, manter algumas partes do corpo livre de pelos deixou de ser um simples hábito, passando a ser uma questão de cuidado estético e higiene pessoal, da mesma maneira que, manter-se magra é, além de esteticamente mais bonito e atraente, saudável. Já as feministas afirmam que a depilação como obrigação e a magreza são costumes sociais que são impostos às mulheres desde o surgimento dos primeiros pelos.

Por que homens podem ter pelos e mulheres não? Por que as mulheres devem estar com a vagina lisinha enquanto muitos homens nem ao menos aparam seus pelos pubianos? Por que é natural que os homens estejam acima do peso enquanto as mulheres são taxadas de diversos adjetivos pejorativos e menosprezadas pelo mesmo fato?

Essas e outras questões levam as mulheres feministas a buscar, através da não depilação e da liberdade de estar gorda ou magra, um processo de aceitação do próprio corpo.

A questão é, para as feministas, que os argumentos (para que as mulheres se depilem e estejam sempre esbeltas) não se formaram na

15

<http://www.innovarepesquisa.com.br/blog/99-milhoes-de-brasileiros-estao-facebook-todos-os-meses/> acesso em 13/09/17 19H41M)

cabeça das mulheres por ter sido apresentada como uma possibilidade, mas, como uma imposição social.

O comportamento socialmente esperado e defendido pelas antifeministas é de que mulheres se mantenham, dentre outros, depiladas e magras. Enquanto que, para as feministas, a escolha pela não depilação e pela não preocupação com o peso, devem ser decisões aceitas com a mesma naturalidade com que se aceitam mulheres depiladas e magras. Dito isso, passaremos a analisar os sentidos produzidos a partir dos recortes que fizemos.

A primeira sequência discursiva (doravante SD) que analisaremos é a postagem que compartilha uma imagem onde, lado a lado, estão duas mulheres. Essa imagem materializa efeitos de sentidos antagônicos. Vejamos a SD a seguir:

SD 1¹⁶



A imagem, cujo link foi indicado na nota de rodapé, não traz nenhuma indicação, não foi retirado de uma página feminista, como nos sugere a postagem, a imagem aqui apresentada, é uma montagem que sugere doutrinação ideológica dos sujeitos feministas para com o restante dos sujeitos e teve, até a data da coleta destes dados, duas mil duzentas e trinta

¹⁶

URL da imagem:

<https://www.facebook.com/forafeminismo3/photos/a.1802307896694652.1073741828.1802288353363273/1965915010333939/?type=3&theater>

e três “reações”¹⁷, destas, um mil e duzentas “hahaha”, novecentas e quarenta e seis “curtir”, quarenta e sete “triste”, vinte e uma “Grrrrr”, treze “uau” e seis “amei”¹⁸; além de quatrocentos e sessenta e quatro compartilhamentos e duzentos e oitenta e sete comentários.

Observamos que a imagem acima torna visível a distinção de sentidos que o sujeito considerado como antifeminista tem do sujeito dito feminista. A significação destes sentidos adquire efeitos diferentes para os diferentes sujeitos que se puserem a analisá-las.

Na postagem, observamos as formas materiais da linguagem vendo duas mulheres em que uma é masculinizada, com pelos à mostra, cabelos e sobrancelhas desalinhados, franja desproporcional e tapando, parcialmente, um dos olhos, com maquiagem muito discreta e mantendo um cigarro entre os lábios, que nos remete a desleixo com a saúde. Ao lado desta, observamos outra mulher que está com axilas depiladas, cabelos bem alinhados, sorridente, maquiada, com bochechas coradas e parecendo muito mais saudável do que a primeira. O que o post enuncia que ambas devem ser vistas como “charmosas, lindas e sensuais” caso tenha-se outra opinião o sujeito é caracterizado como “machista e preconceituoso”. Nos parece evidente o jogo de relativização entre o masculinizado e o não depilado, outrossim, charme, sensualidade e feminilidade à depilação. A naturalização da “não depilação” foge à memória oficial discursiva e essa fuga sugere disputa entre os movimentos.

O discurso antifeminista é de manutenção da cultura do conservadorismo, pela preservação do imaginário de mulher ideal que, para as ativistas, é aquela que é exímia mãe, dona de casa e esposa.

Já discurso feminista é de resistência. A ideologia dominante feminista sugere a busca pela igualdade indistinta entre todo e qualquer sujeito. Essa busca reafirma, para o movimento, a necessidade da desnaturalização da

¹⁷ As “reações”, são uma extensão do botão Curtir, com o objetivo de dar às pessoas maneiras mais apropriadas de compartilhar uma resposta a uma publicação do Facebook de maneira rápida e fácil. Disponível em: <http://www.guiase.com.br/o-que-sao-os-novos-botoes-de-reacoes-no-facebook/#> Acesso em 26/09/17 15H34M

¹⁸ “Haha” é voltado para conteúdos engraçados, substituindo até mesmo os antigos comentários de risos. “curtir” é voltado para expressar que se concorda com o que foi posto. O “Triste” é um botão que promete se encaixar bem a situações nas quais o “Curti” pode soar ofensivo ou simplesmente não cair bem. “Grr” é o botão mais próximo à ideia do “Não Curti”. “Uau” é o botão ideal para quando algo lhe surpreende. “Amei” é ideal para momentos nos quais você quer demonstrar muita felicidade com a publicação de um amigo ou simplesmente concordar com a opinião do contato. Disponível em : <http://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2016/02/grr-uau-haha-entenda-significados-dos-botoes-do-facebook-reactions.html> acesso em 03/10/17 as 10H05M

obrigatoriedade da depilação. Opondo-se a isso, o discurso antifeminista pretende mostrar que a aceitação da não-depilação se torna imposição para as feministas.

Traremos à análise alguns comentários retirados desta postagem. As dividiremos em duas formações discursivas antagônicas que determinam a leitura da postagem em questão. É importante ressaltar que procuramos manter os recortes aqui apresentados com a grafia original. Evidenciamos ainda que para uma análise mais clara do nosso objeto, optamos por distinguir as SD's de homens e mulheres levando em consideração as condições de produção.

SD's de apoio à postagem: (Doravante A1, A2...)

A1. (MULHER) Prefiro ser machista do que ser um nojo de pessoa. Agradeço a pessoa que criou essas lâminas, cera, creme depilatório. Não vivo sem.

A2. (HOMEM) Não é questão de ser machista. Tem nada a ver kkk É só questão de ter higiene. Eu acho nojento ver qualquer pessoa com cabelo no suvaco.

A3. (HOMEM) Eu sei que como um ser cultural isso pode ter sido construído em mim, mas eu não suporto ver mulher peluda, me dá nojo.

A4. (HOMEM) Até eu depilo o suvaco. Essas mina tao metendo o loco... aff

A5. (HOMEM) Ela é bonita mas o suvaco dela é nojento!

A6. (MULHER) Ninguém é obrigado a achar bonito algo que não é. Nenhuma mulher é obrigada a se depilar, ela se depila porque quer. Oque não dá é pra querer obrigar os outros a achar bonito. Não é porque as feministas dizem que é ou será bonito.

SD's de oposição à postagem: (Doravante O1, O2, ...)

O1. (MULHER) Eu só tenho que agradecer as feministas porque apesar eu eu escolher me depilar, agora não preciso mais ficar louca de vergonha caso tenha um ou outro pelinho fora do lugar (...) Não acho que nenhuma mulher devesse ser considerada mais ou menos bonita somente levando como comparação o suvaco, a gente não faz isso com os homens...

O2. (HOMEM) Os homens hoje em dia passam por processo de depilação... não para serem aceitos e sim porque é mais higiênico e bonito!

O3. (MULHER) A gente se depila porque acha bonito e também porque vão nos olhar igual a uns et's caso não façamos isso! É só olhar como acontece, prova disso é a existencia deste post! (...) A gente também acha os homens muito peludos feios mas em nenhum momento eles se sentem obrigados a se depilar para que a sociedade não ache eles et's. (...) O que eu escrevi foi que graças a essas mulheres agora a gente se sente um pouco menos no sufoco (...).

O4. (MULHER) Não se trata de impor oq se acha belo. Talvez você nunca tenha passado por isso mas muita mulher prefere não se depilar mas depila por questão de aceitação. Eu sei que nenhuma lei obrigada a depilar mas é um negócio psicológico

O5. (HOMEM) Não existe nenhuma lei universal que impõe que as mulheres tenham corpos sem nenhum pelo. Isso é um fato incontestável. No que se refere à imposição da sociedade que cria um transtorno psicológico na mulher que a obriga indiretamente à se submeter à esses processos de beleza para se sentir aceita, acho que isso se resume à falta de segurança, falta de personalidade, falta de auto-estima, fraqueza e medo. Porque a sociedade em si na verdade está cagando para isso. Sobre transformar suas fotos em sátiras... À partir do momento em que ela aceita ser expôr, estará

sujeita à isso, o que NÃO torna de maneira alguma ridicularização mais aceitável mas infelizmente funciona assim.

O6. (MULHER) Aí é que está! "Infelizmente funciona assim", esse pensamento é o que deixa tudo estagnado, não é assim que é pra funcionar. Já que ter pelos é considerado uma "coisa masculina" e por isso "já que ela tem coragem de sair peluda na rua vai ter que aguentar a zueira pq é assim que funciona", vou só citar como exemplo o momento em que a mulher começou a usar calças, o que não foi a tanto tempo atrás assim. Elas também elas eram masculinizadas por isso. Hoje em dia isso é ridículo, mas o que estamos fazendo é só repetir a história, de forma idêntica. Fato é que homem tem pelos de homem, e mulher tem pelos de mulher, mas todos tem. A mulher não tem que ser zuada pq tem pelos e nem o homem pq tira. Isso é uma decisão do mesmo jeito que usar calça ou vestido, que hoje já podemos fazer tranquilamente. O dia que ter ou não ter pelos for igual a usar calça ou vestido poderemos dizer com certeza que a sociedade está cagando pra isso.

Sophia Loren, década de 50.



O7. (MULHER) Sophia loren = sobancelhas feitas cabelo penteado vestido sex maquiada e sovaco nojento só que os pelos aparados e decada de 50. feminista acima = toda enzebrada sobancelha sem fazer sem make cabelo desgrenhado sovaco cabeludo nojento parecido com o da macaca chita. ou seja sua comparação foi ridicula. foto acima pelo menos a comparou a outra garota "normal".

O8. (MULHER) Nessa comparação realmente fica difícil apoiar a feminista q está ao lado De uma mulher mais bonita. Mas, se compararmos c uma das mulheres q foram consideradas uma das mais bonitas do mundo? (Referindo-se a Sophia Loren)

De pronto, atentamos para o fato de que, embora a página em questão seja declaradamente de apoio ao antifeminismo e suas postagens instiguem a isso, os posicionamentos dos sujeitos são bastante divididos.

Na SD A, observa-se que cinco das sete sequências discursivas afirmam que mulheres que não se depilam são “nojentas”. No discurso de apoio à postagem, mobiliza-se o efeito de sentido da higiene feminina para argumentar em favor da depilação como vemos em 1, 2, 3, 5, 6 e 7. Percebemos que, embora essas sequências tratem a não depilação como “nojenta” quando essas FD’s são questionadas pelo grupo selecionado como de oposição, os responsáveis pelos comentários em apoio à depilação não respondem aos questionamentos e suas críticas ficam em torno de não ser higiênico por ser nojento. Observe que em O3, o sujeito usa a metáfora para classificar a mulher que não se depila como “ET”¹⁹ na tentativa de aproximá-la a um ser que não é visto na terra, desigual a tudo que está posto como comum aos olhos. Na O5, o sujeito critica a norma e o padrão imposto socialmente pela obrigatoriedade da depilação. Ao analisarmos com mais proximidade a “defesa”, observamos outras sequências discursivas deste sujeito de O5. O homem em questão, culpabiliza indiretamente a mulher pelo abalo psicológico que ele mesmo diz que ela sofre pela imposição da depilação. Vemos que, embora ele tenha afirmado que a sociedade impõe a depilação, essa mesma sociedade não se importa ou se incomoda com ela. A SD nos revela a interpretação ideológica do imaginário de mulher. Conforme Orlandi (2002), “todo discurso é uma construção social não individual, só podendo ser analisada considerando seu contexto-histórico-social e sua condição de produção”. A partir deste conceito de Discurso, é legítima a afirmação de que o sujeito deste recorte é interpelado ideologicamente pela posição cultural naturalizada da sociedade que impõe a depilação, mesmo quando busca apoiar o movimento contrário, sua posição de sujeito social o arrasta para o convencional. A condição de produção desse discurso, neste caso, é uma página na rede social em que diversos sujeitos discutem o tema, o sujeito ao inscrever-se nessa formação discursiva pode ter tido a ilusão de

¹⁹ Conforme o dicionário online de português, ET significa alienígena; ser ou aquilo que se origina fora da Terra. Extraterreno; o que se localiza fora da atmosfera terrestre.

<https://www.dicio.com.br/extraterrestre/> acesso em 03/10/17 as 10H38M

ser autor de seu dito, que este serviria como apoio e razão de análise por parte do restante do grupo porém, seu dito nada mais é do que uma colcha de retalhos de outras sequências discursivas impostas historicamente ao sujeito através das ideologias dominantes.

Contraopondo-se ao apoio imaginário do sujeito da SD O5, o sujeito de O6 questiona essa afirmação onde “funcionar assim” seria a propulsão para aceitação da crítica à exposição dos pelos e para ela, além de a não depilação necessitar de um certo tempo até que seja aceita e naturalizada o fato de alguns homens também a utilizarem é também motivo de zombaria. Em uma sociedade onde mulheres devem depilar-se, homens, machos de verdade, não devem. A depilação é, segundo as antifeministas, afirmação de feminilidade, sendo assim, homens que se depilam seriam vistos como “femininos”.

Embora a depilação masculina esteja sendo vista com mais frequência, e esteja adquirindo mais e mais adeptos, ela ainda sofre constantes ataques por parte de outros homens e também de mulheres que se inscrevem discursivamente na afirmação de que este ato é puramente feminino.

Na A4 a afirmação de “até” ele depilar-se percebemos a filiação a uma formação discursiva que dá visibilidade ao fato de a naturalização do fato ser feminino e, a partir de o momento em que “até” o homem passa a depilar-se, o ato passa a ser válido e aceito. Enquanto lê-se a validação do ato pois um homem passa a fazê-lo, percebe-se em O4 uma mulher levantando-se contra ao que, para ela, é claro, os homens depilam-se por ser higiênico, porém sem nenhuma imposição social. O8 faz um questionamento direto em relação à comparação feita pela postagem e em resposta, O7 afirma que Sophia Loren pode ter e mostrar seus pelos por ser atriz.

O sujeito leitor da imagem, dependendo de sua constituição ideológica, pode ou não se identificar com o discurso em defesa da depilação feminina, conforme comprovamos nestes recortes, porém o efeito de sentido que a imagem busca produzir é o de repulsa à não depilação. O meio com o qual as antifeministas expressam sua reivindicação é o da resignificação e comparação da imagem de duas mulheres que, biologicamente são iguais, mas fisicamente diferentes.

A caracterização da imagem na SD1 não garante o efeito de sentido que pretendia o movimento antifeminista, e deixa brechas para o deslizamento de sentidos e posicionamento feminista e para a colocação dos sujeitos que a interpretam. Essas brechas são próprias da incompletude da materialidade significante que não atinge o real.

SD 1.2²⁰



A imagem, retirada do site *Mulheres contra o feminismo*, link indicado na nota de rodapé, traz a seguinte descrição:

“Modelos plus size e o coitadismo mimimi feminista a favor da obesidade. Desde a década de 70 as feministas tentam mudar o padrão comportamental sobre como os homens acham a mulher bonita. Infelizmente, tem homem frouxo - emasculado e mulher que acha ser obesa

20

URL da imagem:

<https://mulherescontraofeminismo.wordpress.com/2017/05/20/modelos-plus-size-e-o-coitadismo-mimimi-feminista-a-favor-da-obesidade/>

algo "lindo" que para tentar agradar as feministas começa a achar a obesidade algo empoderador.

Sinceramente, este povo passou longe de estudar.”

Assim como no nosso primeiro objeto de análise, esta montagem repercutiu diversos efeitos de sentido nos seguidores da página, até o momento da coleta dos dados tivemos oitenta e oito reações, onze comentários e doze compartilhamentos. É importante ressaltar que somente conseguiremos acesso à imagem, comentários e maiores dados através do link disponibilizado neste trabalho, pois a página sofreu uma queda por denúncia²¹ e, em seu retorno, suas postagens anteriores perdem o domínio público, porém continuam acessíveis através de link.

Na manchete, o sujeito-enunciador marca sua rejeição ao peso das mulheres, e ataca homens por serem, segundo o enunciador, “frouxos” e as mulheres que acham a obesidade “linda”. O termo linda, no post, aparece entre aspas, ironizando o sentido produzido e sugere ainda que as mulheres querem agradar as feministas mantendo-se acima do peso para sentirem-se “empoderadas”. Além do apelo visual e também escrito, a desidentificação com a ideologia anti-padrão de beleza feminina é marcada no enunciado: “Modelos plus size e o coitadismo mimimi feminista a favor da obesidade”. Por mais que pareça que a postagem seja em favor da saúde e contra as enfermidades causadas pela anorexia, o sujeito enunciador argumenta em favor da manutenção de mulheres magras e em favor da manutenção do preconceito contra mulheres acima do peso. Em sua argumentação ainda afirma: “Sinceramente, este povo passou longe de estudar.” em uma comparação entre a falta de estudo e/ou conhecimento em apoio às mulheres acima do peso. Não sendo levado em consideração que o sujeito enunciador pode desconhecer as consequências e riscos para a saúde que o sobrepeso ou obesidade causam. A falta de estudo é tratada somente como ignorância.

²¹ Quedas das páginas por denúncias são bastante comuns e, na maioria das vezes, o que leva à denúncia são as diferenças ideológicas dos utilizadores da mesma. Saiba como a rede social facebook avalia as denúncias e tira as páginas denunciadas do ar em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151104_facebook_guerra_paginas_cc

A partir desta postagem, acessamos os comentários feitos por sujeitos que afirmam ou contrariam o discurso do enunciador. Traremos recortes destes comentários.

SD's de apoio a postagem: (Doravante A1, A2,...)

A1. (MULHER) O problema não é dizer se uma mulher gorda é bonita ou não, afinal beleza é algo relativo, mas incentivar e apoiar a obesidade, sendo ela uma DOENÇA.

A2. (MULHER) sou de direita, nunca fui feminista, mas confesso que a direita do brasil é a maior apologia ao feminismo que existe. Homens de direita ao odiarem gordas jogam essas gordas nos braços do feminismo. Sou gorda, não preciso do feminismo, mas a direita no brasil é um bando de adolescentes trancado no quarto com suas playboy.. por isso o o país está do jeito que está.. o ódio que os homens de direita tem de nós gordas só alimenta ainda mais o feminismo.. bando de idiotas..graças a deus eu não preciso nem da direita, nem da esquerda para me defender do preconceito. O machismo da Direita é inacreditável, mas a podridão da esquerda sempre supera.. prefiro ficar longe dois lados

A3 (HOMEM) Desconheço a ideia de que os homens com alinhamento de direita são machistas e odeiem gordas... Particularmente, prefiro mulheres mais magras, mas preferência pessoal não guarda relação com ódio.

A4 (MULHER) Ela não está errada...na pratica os homens de direita sao mais competitivos e fazem de sua companhia um troféu....por isso q a esquerda acaba recebendo tantos seguidores fora dos padrões...pq muitas vezes foram hostilizados pelos adeptos da direita.

A5 (MULHER) De certa forma concordo com você a direita muitas vezes é burra e cai direitinho no jogo da esquerda. Ofender todos por causa

de uma minoria barulhenta que disse mentiras ou o que não gostou não te faz de direita. Te faz um idiota. Quanto a ser gorda sou a metade da minha vida gordinha e não tenho complexo nenhum mas também não gosto da minha forma física. Meu companheiro é de direita eu estar gorda ou não não interfere na nossa posição política. Sei que ele me acha mais atraente quando estou mais magra, mas não me crítica ou me desrespeita pois com o passar dos anos vc percebe que um corpo que te atrai é bom ter ao lado mas que a mente e o caráter é superior a qualquer forma física.

A6. (HOMEM) Que bosta! Desde quando a obesidade empodera? Pra mim mulher de valor é aquela que ama a si mesma e cuida bem do seu corpo, ou seja, se alimenta bem e faz exercício. Ser obesa por vontade própria é sinal que tem alguma coisa errada nela...

A7. (HOMEM) LAS GORDAS SON FEEAAAASS!! A NINGUN HOMBRE LE GUSTAN LAS GORDAS.. LAS OBESAS SON HORRIBLES!! HORRIBLES COMO LO SON TODAS LAS FEMINISTAS!!

SD's de oposição à postagem: (Doravante O1, O2, ...)

O1. (HOMEM) Achei que era uma conversa. Mas está evidente que não é: "todos de direita são babacas", "homens são burros mesmo". Não jogue a culpa de um recalque pessoal no alinhamento político dos outros, isso só vai te trazer mais infelicidades. Mas já que sou homem, vou me recolher à minha burrice. Não pretendo responder mais. Fiquem à vontade para os preconceitos e eventuais xingamentos. Abraço

O2. (HOMEM) Eu nao gosto de magra gosto de gordinhas

Observando as sequências discursivas de apoio e contra a postagem, percebemos que, neste caso, quase a totalidade dos sujeitos que se inscrevem nesta formação são a favor da postagem e embasam sua opinião nos mais diversos fatores, o que menos vê-se é a inscrição em favor do que

é o primeiro motivo mostrado pelo enunciador: a relação da gordura com doenças advindas desse sobrepeso/obesidade.

Em A1, uma mulher afirma que a preocupação que levam as antifeministas a ressignificar a imagem em questão é com a saúde e não com a beleza, porém, esta afirmação é contrária ao que se lê na apresentação da postagem. A mulher diz que a beleza é relativa, mas em nenhum momento se coloca a explicar sobre o assunto passando a afirmar ainda que a obesidade além de ser incentivada é apoiada. Ainda que a anorexia também seja uma doença, ela não é citada como o grande problema nesta postagem e em seus comentários.

Em A4 e A5 observamos a desidentificação do sujeito. Freda Indursky (1997), sobre essa modalidade nos diz:

“desidentificação,(...) uma tomada de posição não-subjetiva, (...) ou seja, o sujeito do discurso desidentifica-se de uma formação discursiva e sua forma-sujeito para deslocar sua identificação para outra formação discursiva e sua respectiva forma-sujeito.

A ideologia política partidária é trazida como resposta em diversos comentários, em A2, uma mulher que se define como “de direita” e gorda, culpabiliza os homens de direita por “odiarem” as gordas e lhes “jogarem nos braços do feminismo”. Podemos ver, neste caso, a manifestação do sujeito que, interpelado pela FD antifeminista, embora não caiba no parâmetro defendido pelo movimento, se coloca em favor do mesmo e referir a outros sujeitos pela imposição do que as feministas chamam de ditadura da beleza. O sujeito deste comentário chega a ser ofensivo quando se refere aos homens, o que poderia sugerir, conforme o que o movimento antifeminista prega, uma atitude feminista. O sujeito termina sua contribuição contrariando seu primeiro dito e afirma não ser “de direita”, nem “de esquerda”, finaliza dizendo que ambas as ideologias [direita e esquerda] não representam com propriedade sua ideologia. A formação ideológica da política de esquerda parece representar a FD das feministas e, portanto, igualada ao que não deve ser feito. A formação ideológica que defende uma política partidária alinhada a conceitos de direita e conservadores abrange as falas defendidas

pelos sujeitos antifeministas e contempla suas colocações devendo, conforme as feministas, ser considerada adequada ao que é tido como aceitável. Concluímos que as políticas partidárias são vistas como ligadas diretamente às FD's dos movimentos, a busca pelo combate às políticas de esquerda inflam os embates. Antifeministas nos fazem crer, por essas sequências discursivas que o combate à esquerda só se dará, efetivamente, quando a formação discursiva de direita (conservador) for soberano e maioria. O combativismo se faz, em um primeiro momento, entre direita e esquerda, onde a esquerda representa a revolução e o fim do conservadorismo e a direita, o sucesso da instituição família tradicional e socialmente correta.

A ideologia política partidária passa a ser a resposta pautada pelos sujeitos que deixam de prestar-se a dizer os motivos que lhes levam a repudiar a obesidade e passam a culpabilizar a ideologia política e os homens pela obesidade feminina, conforme vemos nos comentários de A4 e A5.

Compreendemos que, mesmo dentro de um espaço de discurso publicamente pensado para mulheres, homens prestam seu discurso, muitas vezes de maneira grosseira, machista e preconceituosa, sem maiores problemas e sem nenhum questionamento por parte dos administradores da página. Em A4, homens se manifestam inscrevendo-se em uma formação discursiva antifeminista afirmando que mulheres obesas são relapsas, desleixadas e nojentas. Além disso, deixam seu posicionamento ideológico e seu repúdio à formação discursiva feminista, à mostra quando afirmam que todas as feministas têm as mesmas características mencionadas pelos sujeitos.

Vale ressaltar que o modo pelo qual a imagem da modelo é ressignificada procura não deixar margem para questionamentos tendo em vista que a comparação mostrada causa efeito de repulsa e preocupação, utiliza-se a imagem de duas mulheres em primeiro plano, a primeira visivelmente doente, em extrema magreza, porém, modelo, desfilando em ambiente onde se divide atenção com outra modelo mais ao fundo, com braços descobertos, pernas à mostra, sandália de salto alto, na outra imagem, uma mulher acima do peso, de biquíni, muitas celulites e com tatuagens, o ambiente (possivelmente um estúdio) é propício para que toda

atenção seja voltada para ela. A busca pela recuperação de uma memória discursiva onde ambos os casos são insalubres reforça a ideia de objetivação de um corpo feminino padrão.

O efeito pretendido para a leitura desta imagem é parcialmente exitoso se levarmos em consideração que entre as nove sequências discursivas analisadas, somente em uma das sequências o sujeito se posiciona a favor das mulheres acima do peso e, mesmo nesta SD, o sujeito não afirma não se importar com o peso da mulher mas sim que ele [sujeito enunciador homem] não gosta das magras e prefere as “gordinhas”. Fica claro que, embora tenha buscado fazer um discurso em favor das mulheres gordas, esse sujeito não foge à identificação com a ideologia dominante [antifeminista] do padrão de beleza, rejeitando corpos acima do peso. O sujeito dessa enunciação, aceitaria um corpo com percentual mais elevado de gordura desde que não grande. Podemos observar ainda o fato de que o homem usa o termo “gordinha” ao referir-se à mulher e esse termo não se refere à obesa, pode sugerir uma mulher acima do peso mas não sugere obesidade que é o que observamos no comentário anterior.

No comentário de A7 o sujeito enunciador marca na linguagem verbal a rejeição da qual as mulheres gordas sofrem constantemente, as marcas são vistas por meio das exageradas exclamações que demonstram surpresa e ainda através da caixa alta utilizada em todo texto, isso produz o efeito de indignação e revolta. Fica claro que este sujeito crê que as mulheres devem manter-se magras não por sua saúde, mas para agradar ao gosto do homem e tornar-se interessantes, fica claro frente à análise quando o enunciador afirma que “A NINGUN HOMBRE LE GUSTAN LAS GORDAS..”, na continuidade de sua SD ele afirma que todas as mulheres gordas são horríveis assim como todas as feministas, comparando as falas e defesas femininas ao estereótipo bastante comum de se ver na rede social de que feministas são feias, gordas, desleixadas.

5.2 O CONFLITO EM REDE

Considerando que os papéis de homens e mulheres são demarcados ideologicamente na sociedade, os discursos reproduzidos

cristalizam o sentido dos mesmos, pois, já se firma no imaginário social o papel que cada um “deve” exercer, isso está tão arraigado que é visto por todos como natural.

Neste recorte, analisaremos uma postagem da página “Mulheres contra o feminismo: Somos orgulhosas de sermos mulheres”.

SD 5.2²²



A montagem em questão é um compartilhamento de outra página antifeminista que não se encontra mais na rede, além da imagem de uma mulher recostada despreocupadamente em uma janela, há recortes e colagem de alguns comentários feitos por seguidores da página [que foi derrubada]. A mensagem que encabeça a montagem diz: “Feminista diz que prefere pegar AIDS do que engravidar. #feminismoédoença #mulherescontraofeminismo”, a montagem teve, até o momento da retirada destes dados, noventa e quatro compartilhamentos, cinquenta e sete comentários e cento e cinquenta e cinco reações, destas,

22

URL da imagem:

<https://www.facebook.com/MulheresContraoFeminismo/photos/a.312878995472143.72174.299252103501499/1024750984284937/?type=3&theater> Acesso em 04/10/2017 10H41Min

cento e vinte e duas “curtidas”, vinte e quatro “Grrr”, seis “tristes”, duas “uau” e uma “hahaha”

A mulher é vista pelas antifeministas em um discurso conservador, logo, a função para além de femininas e servis, é a de prestar-se à maternidade, gerar e criar os filhos, dando continuidade à vida. A formação discursiva feminista busca, dentre outros, a liberdade de a mulher escolher ser mãe ou não.

Ao afirmar na reportagem que feminista diz preferir pegar AIDS ao engravidar, a montagem sugere que toda mulher que se identifica com o movimento feminista é contra a maternidade e por essa razão, a favor do aborto. Nos comentários que foram colados na montagem, observamos uma mulher que diz a um homem que prefere o HIV, ao marcar o homem podemos inferir que possa tratar-se de seu parceiro, tendo em vista ser comum na rede social a interação em que pessoas marcam umas as outras para apresentar-lhes determinada situação. Podemos pensar que a mulher que comenta não está, de fato, optando por contrair uma enfermidade que ainda não há cura, mas sim sugere que a dificuldade em gestar, parir e manter uma criança sob sua responsabilidade seria mais difícil que lidar com a doença. Outros dois comentários podem ser observados e tratam-se da resposta do homem que anteriormente foi marcado, o homem se posiciona afirmando que seria “mais barato” contrair a doença de que sustentar uma pessoa, a sequência discursiva na qual o homem se inscreve vem ao encontro da afirmação de que as mulheres, ainda que acreditem terem propriedade de seu corpo e de suas vontades são interpeladas pela formação ideológica que lhes é imposta socialmente onde buscam o aval do homem para suas decisões ou ainda, ela, simplesmente, avisa a seu parceiro de que não terá filhos. Na montagem, a tentativa das antifeministas é mostrar o quão as feministas não se importam com a vida e sugerem que a mesma possa ser interrompida por suas vontades sem nenhuma outra consideração e, ao trazer os recortes do comentário da mulher tida como feminista, trazem junto a resposta do homem que, para as antifeministas, se inscreve na mesma formação discursiva feminista.

Passamos a analisar recortes de SDs desta colagem:

1 - (MULHER) Quer saber?Eu apoio esta escolha. Feministas vão em frente!E tem mais:usar crack não vicia. Quem te diz isso é a sociedade patriarcal que não querem que vocês curtam a vida com plenitude e liberdade. Vamos desconstruir tudo,a começar por vocês mesmo,hehe

2 - (MULHER) Acho ótimo que pensem assim, afinal é melhor mesmo que esse tipo de retardado nem filhos tenha.

3 - (MULHER) entao peguem HIV de uma vez e morram pra parar de falar merda

4 - (MULHER) só de pensar que já chegue a acreditar nesse movimento

5 - (HOMEM) Se tem tanto nojo de homem pq q transa com eles??

6 – (HOMEM) O dia em que ela quiser ter filhos e não conseguir, ela vai lembrar disso. Se um dia ela der o azar de contrair o HIV, ela vai lembrar disso também. Serve para os amigos idiotas que concordaram com ela.....Lamentável ler isso escrito por uma "mulher".

7 – (HOMEM) Tomara que ela não engravide mesmo. Já pensou ela colocar no mundo uma outra pessoa idiota como ela!

8 - (HOMEM) eu prefiro me prevenir e não pegar nenhum dos 2, sexo sem camisinha só com parceira estável

09 - (HOMEM) Ah, essas "ativistas" e suas causas, rs. Essa gente, asquerosa, deveria ser punida por defender e promover crimes.

10 - (HOMEM) Ai depois eu sou machista, mimado, escroto e o caralho a 4. Mais ai te pergunto poder de mais não se torna veneno? Olha a lógica feminista...

11 - (HOMEM) Essa moça merece um presente: uma passagem de avião só de ida para Arábia Saudita.

12 - (HOMEM) um sorriso de uma criança alegre uma familia voce nao ve uma feminista com a familia dela apoiando elas em protestos

13 - (HOMEM) ESSE É O PIOR TIPO DE SER HUMANO SE É QUE ESSA PO... SEJA HUMANA MESMO ? EU AINDA TENHO MINHA DIVIDAS POR QUÊ QUE EXISTE AINDA PESSOAS ASSIM NO MUNDO!!!!

Para que pensemos este conflito entre as formações discursivas antifeministas e feministas basta que tomemos por base os comentários da montagem acima. Nas sequências discursivas, quase em sua totalidade, os sujeitos defendem o imaginário de mulher como mãe. Em nenhuma das SD's acima observamos algum sujeito em defesa da livre escolha feminina sobre seu corpo.

Embora essa postagem tenha sido feita em uma página antifeminista e ser direcionada às mulheres, a grande maioria das SD's é feita por homens e apoiada pelas mulheres que, ao não se posicionam contra sugerem concordância.

Dentre as cinco sequências discursivas das mulheres, observa-se que as antifeministas atacam a posição discursiva encontrada na montagem, mas em nenhum momento trata a mulher como ífera ou incapaz, como no machismo. Na SD 4 vê-se que a mulher em algum momento se inscreveu na FD feminista e mudou seu posicionamento. Essa mudança de posicionamento pode, dentre outros motivos, ter-se dado pela insistência do discurso antifeminista. Nas SD's dos homens é bastante claro que, mesmo que não possam gerar ou parir, os homens, nestas SD's são contra o aborto e suas inscrições neste caso, representam a pressão social que as mulheres sofrem para que desejem ou mantenham uma gestação embora que possa ser contra sua vontade. A obrigatoriedade se faz a partir do momento em que se nasce mulher e com órgãos reprodutores femininos em condições, é pertinente lembrar que, ainda que a mulher não possa, por problemas de saúde, gerar filhos, essa maternidade lhe é cobrada socialmente, olha-se para esta mulher com pena ou julgando-a incompleta.

Os homens utilizam-se dos mais diversos argumentos para culpabilizar a mulher, inclusive a culpando pelo “aborto” que, ao observarmos, notamos que em nenhum momento este assunto é trazido na postagem. A mulher que, supostamente, seria uma feminista, não fala em aborto, ela fala em preferir não engravidar, e essa referência [não engravidar] não implica na morte de um bebê. Os questionamentos que comparam a opção da mulher ao aborto vão desde o que é erguido na SD6, passando pelos apelos emocionais e afetivos como vemos nas SD’s 7 e 13, até o desejo de morte e a acusação de que as feministas promovem apologia ao crime para mulheres que são a favor da descriminalização do aborto como vemos nas SD’s 10 e 12, vale ressaltar que em 7 o homem lamenta ler “isso” [a SD que a mulher se inscreve a favor do aborto] sendo escrito por uma mulher, mas não leva em consideração que ela [mulher], é quem pode decidir sobre o (não) aborto.

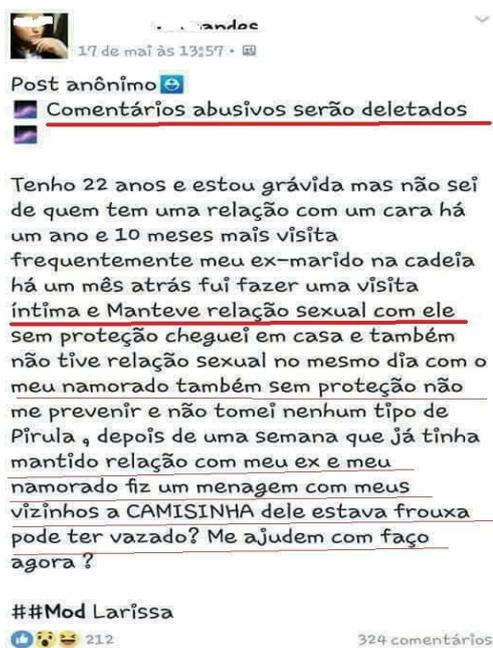
Observemos que nos é clara a ordem própria em que se encontra a FD antifeminista, quando na SD 11, o homem afirma que as mulheres após empoderarem-se, que nos parece tratar-se do poder garantido pelo movimento feminista, “envenenam” a elas próprias e associa a afirmação dizendo ser esta a lógica feminista. O homem também não leva em consideração que a responsabilidade pela gestação sempre coube às mulheres, logo, sempre coube a elas a decisão por mantê-la ou interrompê-la.

Na SD 14, compreendemos que, mesmo dentro do espaço de discurso dedicado às mulheres, há uma disputa de sentidos que decorrem de posições contrárias. As marcas de rejeição do sujeito enunciador se manifestam também por meio da letra em caps lock, saturando o efeito por meio dos pontos de exclamação ao fim da sequência. Além dos recursos visuais na escrita, a desidentificação é marcada no enunciado “ ESSE É O PIOR TIPO DE SER HUMANO SE É QUE ESSA PO... SEJA HUMANA MESMO”. O sujeito argumenta em favor do discurso de ódio e (pseudo) justiça instigado nas SD’s anteriores e está em favor da manutenção da luta feminista pela descriminalização do aborto mesmo sendo afetado diretamente pela lei por não se tratar de seu corpo.

As diferentes formas em que lemos as imagens aqui analisadas nos remetem ao imaginário de mulher que o movimento antifeminista, através de suas ativistas, busca marcar como ideais, mulheres femininas, sem pelos, excelentes donas de casa, ótimas cozinheiras, faxineiras e reprodutoras por natureza. Feministas tem sua Formação Discursiva em defesa de mulheres empoderadas, donas de si, de suas atitudes e escolhas, depiladas ou não, donas de casa ou trabalhadoras terceirizadas, empresárias ou autônomas, mães ou não mães.

Não há um único ou correto modo de ler uma imagem, pois não há somente um olhar que leve à mesma compreensão. Não há ausência de ideologia, caso contrário, teríamos todos a mesma compreensões e as mesmas definições. A contra identificação, parcial identificação ou desidentificação é que nos mostra e comprova a importância da constituição de diferentes sentidos e diferentes discursos dos sujeitos.

SD 4²³



23

URL da imagem <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2501878953284994&set=gm.1994555747227329&type=3&theater&ifg=1>

A SD4 traz uma postagem do site “Moça, eu não sou obrigada a ser feminista” , trata-se de um print screen²⁴ e foi retirado de uma página que não é identificada pelo site. Na manchete desta colagem, vemos o seguinte texto:



Os emotions de rostos sem boca caracterizam a busca do sujeito pelo apagamento de sua manifestação ideológica, a busca em isentar-se ou simplesmente, não falar nada a respeito do que postava, ainda que a própria postagem sugira seu posicionamento. Ao apresentar essa colagem, o autor do post, de maneira pré-consciente, desenvolve suas intenções na produção de sentidos. É clara a tentativa de desconstruir moralmente a imagem da mulher que ao manter relações íntimas com mais de um homem passa a ser vista como promíscua e imoral. Essa postagem teve, até o momento da coleta destes dados, sessenta e oito reações, destas, trinta e sete, HAHHAHA, dezessete curtidas, treze UAU e um triste. Nenhum compartilhamento e setenta e seis comentários. Algo que nos chama atenção nesta postagem é a ausência de compartilhamentos. Essa ausência reforça as diferenças que observamos entre feminismo e machismo. As mulheres antifeministas não se identificam plenamente com a FD machista, pois, embora discordem dos sentidos propostos pelo feminismo não descaracterizam ou menosprezam o valor da mulher e suas capacidades. Ver a mulher objetificada e promíscua, à visão antifeminista, desqualifica o imaginário que elas buscam manter vivo na memória social. São destacadas na colagem, SD's da mulher que originou o post, esses destaques se dão para: “Comentários abusivos serão deletados”, o destaque para essa formação pode dar-se na tentativa de desconsiderar o pedido, pois, a pergunta que a mulher traria a desabonaria para um pedido de não abuso. Outro trecho diz que a mulher estaria visitando seu ex-marido para ter relações sexuais em visita íntima, o que nos sugere que seu ex- companheiro estaria preso, outra informação destacada na intenção de desqualificar a mulher, continuam os destaques na mesma

²⁴ PrtSc significa Print Screen. Quando a tecla do computador que quando pressionada tira uma foto da tela. Disponível em <https://assistenciatecnica.uol.com.br/dicas/para-que-serve-a-tecla-prtsc-sysrq-no-seu-teclado.html#rmcl> 09/10/2017 16H07M

linha [busca de desqualificação e promiscuidade também no uso da linguagem utilizada] onde a mulher diz ter tido relações sexuais com seu ex companheiro, seu atual namorado e ter participado de um Menáge a Trois²⁵ e o preservativo que estava sendo usado teria afrouxado e isso estaria preocupando a mulher que poderia estar grávida, acaba pedindo ajuda aos usuários da página. Existia uma intenção por trás do pedido mas a interpretação pretendida , quando o sujeito criou o post e o colocou na rede foi apresentada fora de seu contexto com a nítida intenção de expor a promiscuidade da mulher, ao mesmo tempo em que descaracteriza o pedido de auxílio da mulher. Observaremos alguns comentários dos usuários da página antifeminista.

Comentários dos usuários da página:

1 (HOMEM) Se fosse decente não estaria nessa situação.

2 (MULHER) Realmente, mais chocante que a vida sexual dela é a gramática...

3 (MULHER) Verdade ...Não sei o que me assusta mais. [a vida sexual ou a gramática]

4 (MULHER) Pior q é oq mais acontece no grupo de mães

5 (MULHER) Já vi coisas do tipo ...Meu marido é frouxo na cama e estou saindo com um novinho e o vizinho entre outras coisas. Sai do grupo porque não tinha como ser conservadora e cristã estando em um grupo assim. [Referindo-se ao grupo Gina Indelicada, grupo de mulheres feministas no facebook, CITADO EM UM COMENTÁRIO ANTERIOR]

6 (MULHER) Não é prq as outras mulheres fazem que vc tbm vai

²⁵ Vem do Francês. E significa: (literalmente, "família de três") se refere a uma relação erótica e afetiva que envolve três pessoas.. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A9nage_%C3%A0_trois Acesso em 09/10/2017 16H55M

fazer, estou no grupo a mais de um ano, tem mulher que posta umas coisas que dá vergonha sim. Mas tem muita coisa bacana tbm.

7 (MULHER) Moça, o que você tem que fazer é

1 parar de ser puta

2 testes de DSTs pra ela e pro bebê

3 teste de DNA

8 (MULHER) Vai acontecer a mesma coisa que aconteceu com uma moça aqui perto de casa. Mais de 30 facadas pelas costas, do ex marido que tava preso e pegou saidinha do dia dos pais!

9 (HOMEM) toma um copo de veneno, deita na cama e espera a hora de fazer a coisa certa

10 (HOMEM) Agora ela vai jogar o bebê pelo ralo, porque se não for do presidiário ela vai morrer, então para não botar o pescoço em risco, ela vai matar um inocente!

11 (MULHER) Acho que praticamente todos os comentários falaram por mim. Tenho pena, só isso. Da pessoa inteira que ela é. Português, índole, carência e principalmente da pobre criança que ela carrega.

12 (HOMEM) Só tenho pena do catarrento ou catarrenta de ter uma vagaba dessa como mãe e nem ter o direito de saber quem é o pai.

13 (MULHER) Primeiramente, vá a um ginecologista... pode ter um dst...

14 (MULHER) Primeiramente aprenda a escrever, se tivesse estudado não pensaria só em sexo.

Das quatorze sequências discursivas aqui apresentadas, dez são de mulheres e quatro de homens, embora quase a totalidade das manifestações sejam de mulheres, os comentários não são de inferiorização ou

desconsideração da mulher. Essas SD's [mulheres] circulam em torno de preocupação com a saúde e o bem-estar tanto da mulher como de seu filho. Os comentários oriundos dos homens, comprovam a matriz de FD machista, os homens mostram intolerância ao comportamento da mulher e, demonstram sua raiva dizendo que a mulher deveria tomar veneno (SD 9).

Na SD 10 (homem) a sugestão é de que a mulher, para salvar-se, irá “abortar um inocente” nenhuma preocupação com a lei vigente ou com sua consciência.

Além de julgar a mulher na SD12, o homem que se manifesta mostra-se indiferente ao ser humano que está sendo gerado e o uso do termo “catarrento”(a) comprova que a preocupação aqui é somente com o julgamento da mulher.

Para findar as SD's dos homens, observemos o que diz a SD 1 que abre os comentários desta colagem: “Se fosse decente não estaria nessa situação.” O julgamento de decência feita por este homem gira em torno exclusivamente do comportamento pessoal e sexual da mulher, o mesmo não leva em consideração nenhum outro fator, ao fazer esta afirmação desconsidera qualquer outra situação da vida da mulher em questão, como a carência afetiva ou , até mesmo, carência financeira.

No dicionário online de Português, “decência” está assim definido²⁶:

Dignidade; modo de agir de quem segue as regras morais e éticas.[Por Extensão] Honestidade; expressão de concordância ou de modéstia. Que se apresenta ou se veste apropriadamente; que cumpre seu propósito. Condição ou característica de decente, honesto, decoroso.

No comentário de SD1, não se levou em consideração nada além do que é “moral e ético” socialmente. As questões que se referem à vida amorosa ou financeira não são, sequer, levadas em consideração. Somente, no ponto de vista do enunciador, as atitudes “imorais” da mulher levaram à mesma a situação que se encontra.

Vemos nas SD's das mulheres que elas se dizem assustadas com a atitude da mulher responsável pela criação original do post (SD's 2, 3, 11, 13 e 14) além da surpresa, as mulheres questionam a maneira com que o sujeito escreve o texto sugerindo que mulheres com menos estudo estão

²⁶

Disponível em: <https://www.dicio.com.br/decencia/> Acesso em 22/10/2017 as 16H30M

mais propensas a terem esse tipo de atitude, a SD 14 nos comprova isso.

SD's 07 e 13 (mulheres) demonstram preocupação com a saúde da mulher e sugerem que a mesma busque ajuda médica.

Na SD 5 (mulher), a preocupação com a moral social é novamente trazida à vista, desta vez por uma mulher, na sua colaboração não é apresentado nenhum enunciado relacionada diretamente ao problema exposto pelo sujeito enunciador da postagem, mas a mulher diz já ter visto “coisas” parecidas em outro grupo de que participou, refere-se ao grupo de FD feminista “Gina Indelicada”, é pertinente considerar que o grupo está no facebook em uma página “secreta”, ou seja, o usuário, para ter acesso a ela, precisa solicitar entrada e seja aprovada. O usuário só tem acesso a página se for membro aprovado pelo administrador da página ou por um moderador do grupo. A mulher que diz ter saído do grupo por não ter como estar lá sendo conservadora e cristã, possivelmente solicitou a entrada no grupo. Em contraponto, SD 6 também diz que participa do mesmo grupo há pelo menos um ano e que, embora sinta-se envergonhada com o que vê, se mantém, pois, muitas postagens são interessantes e defende a ideia de que cada um tem as atitudes que sua ideologia lhe permite ter não sendo afetada por atitudes alheias. Porém, o discurso é diferente da prática e ao analisar a SD 5 reafirmamos a ideia de que não basta ser é necessário também parecer. Em uma sociedade antifeminista, machista e conservadora, além da decência imposta social e ideologicamente, a imposição de ser decente, asseada, exemplo de mãe e dona de casa exemplar vai além do ser, essa exigência de nada valeria caso não parecesse aos olhos da sociedade.

Observemos então que, mesmo havendo distinção nos processos discursivos que constituem os diferentes grupos aqui analisados, as mulheres estão “do mesmo lado” e embora sejam anti-discurso feminista, ainda são mulheres que valoram outras mulheres.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho buscou analisar e compreender, a partir da perspectiva teórica da Análise do Discurso de linha Francesa, o discurso antifeminista produzido por mulheres e homens nas redes sociais brasileiras, mais especificamente em páginas do Facebook. Ao analisarmos esses discursos, buscamos compreender o seu funcionamento dos mesmos e notamos que, embora o empoderamento da mulher esteja crescendo e se fortalecendo na sociedade atual, através de seu discurso de resistência e do movimento feminista que diariamente ganha adeptas, o discurso que é materializado nas falas antifeministas ainda é o conservador, os sujeitos que produzem os discursos presentes nas postagens/comentários da rede social se posicionam discursivamente em oposição ao discurso feminista.

Caracteriza-se como principal fator motivador da existência desses discursos antifeministas as mulheres que, conduzidas ideologicamente e historicamente, motivadas pela ideologia a elas imposta pela sociedade que é predominantemente machista²⁷, a cultura da idealização do imaginário de mulher e que, o imaginário da idealização dos trabalhos masculinos e femininos que são “autorizados” socialmente, por exemplo, homens poderiam ser ótimos construtores civis, porém, mulheres não “aguentariam” o trabalho, basicamente braçal. Outro fator que também identificado pela pesquisa foi que cada dia, mais e mais mulheres têm se desprendido da imagem imposta de mulher frágil e disposta à submissão e ainda, que o Movimento Feminista vêm crescendo, inclusive com apoio masculino, ainda muito restrito e/ou com certas limitações de acordo com o que se pôde observar nas análises das páginas onde podemos observar comentários de um sujeito-enunciador masculino fazendo o que, a seu entender, seria uma defesa da liberdade feminina de escolha pela (não) depilação.

Questões como as vozes muito presentes das mulheres que, interpeladas pela dominação evidente do masculino sobre o feminino, creem que a posição social da mulher é a de fragilizada e necessitando de cuidados

²⁷ O machismo, é um movimento de repressão e repúdio aos direitos igualitários entre homens e mulheres, já o feminismo funciona não como uma tentativa de sobrepor o “poder feminino” sobre o masculino, mas sim de lutar pela igualdade entre mulheres e homens em todos os setores da sociedade. Disponível em: <http://arteref.com/arte/qual-a-diferenca-entre-feminismo-e-femismo/> Acesso em 03/10/17 11H14

masculinos, atenta e disposta a, por ser biologicamente capaz, ter filhos.

As falas aqui apresentadas, em ambos os recortes, apresentam força considerável no que diz respeito a influenciar quem encontra-se ligado a um ou outro movimento. As estratégias visuais utilizadas pelas antifeministas procura materializar sentidos de feminilidade e o efeito que busca, indignação, impacto e repulsa, o efeito pretendido, na maioria das vezes, é atingido.

Por todo exposto, foi possível compreender que a ideologia do antifeminismo se consolida na difusão muitas vezes, distorcida da formação ideológica feminista, fazendo com isso que, os mesmos sujeitos beneficiados pelo movimento, as mulheres, passem a reproduzir discursos contra as lutas erguidas pelo feminismo. A teoria defendida pelos sujeitos que se inscrevem no discurso feminista é perpassada pela ideologia de quem a produz.

Os sujeitos aqui tratados como antifeministas e feministas ainda estão longe de entrarem em um consenso, pois enquanto as antifeministas reconhecem o movimento oposto como o movimento que busca fazer com que as mulheres sejam superiores aos homens, as feministas defendem a ideia de igualdade, não aceitando serem vistas inferiores nem buscando a superioridade.

As mulheres, todas elas, estão cada vez mais inseridas e incluídas ativamente na sociedade, se escondendo cada vez menos, se empoderando cada vez mais.

Observemos então que, mesmo havendo distinção nos processos discursivos que constituem os diferentes grupos aqui analisados, as mulheres estão “do mesmo lado” e, embora se mostrem contra o discurso feminista, ainda são mulheres que valoram outras mulheres, o que as difere é a posição ideológica em que cada um (a) se inscreve. Antifeministas não são contra feministas, são contra os atos considerados, por elas [antifeministas] como extremos e masculinos, buscam que as mulheres tenham orgulho pelo lugar social que ocupam e por serem as melhores nos afazeres que são naturalmente delas, afazeres estes que, homem nenhum seria capaz de fazer com tamanha perfeição. As mulheres, para as feministas, que “merecem” a valorização são aquelas que reconhecem seu lugar de superioridade em local específico e determinado, o lar, por exemplo. Ninguém consegue ser melhor ou mais pleno nos afazeres domésticos em

geral de que a mulher, ela é a “Rainha do Lar”, pronta desde sua concepção para tal feito. O valor dado ao feminino pela ótica antifeminista é incomparável, jamais homem algum será capaz de, sequer, comparar-se a mulher que, além de todos seus afazeres domésticos ainda consegue ser feminina e estar impecável para receber o homem que trabalhou fora do lar durante oito horas, na maioria das vezes. A mulher [antifeminista] sente orgulho da superioridade que tem em seu lar e se sente importante em relação a isso. Prova do exposto são as análises trazidas neste trabalho em que sujeitos antifeministas buscam em seus discursos devolver a mulher feminista, ao que para elas seria seu lugar social de origem, às suas casas.

As formulações discursivas antifeministas repercutem massivamente em seus grupos e fazem circular um discurso de oposição ao ponto de afetar as práticas feministas. Fernandes (p.89, 2017), nos diz “ A ideologia jamais desaparece! O que muda é a identificação do sujeito com a formação ideológica”, confirmamos isso quando vemos as antifeministas desconstruindo uma colagem feminista em busca de produzir efeitos de choque e repulsa e, um sujeito se inscreve nessa formação questionando-se as razões pelas quais já acreditou na luta feminista, esse sujeito, partindo da ruptura criada pela desconstrução e reorganização dessa colagem passa a inscrever-se e identificar-se com discurso antifeminista. Essa nova posição discursiva do sujeito afeta as práticas feministas e sua formação ideológica, até então [em favor das lutas feministas] muda de lugar mas a ideologia permanece. A voz dada aos homens nestes grupos, diferente dos grupos feministas que priorizam o discurso da mulher, em sua maioria, a entrada e permanência de homens é proibida, faz com que o discurso antifeminista, em diversas vezes, se confunda com o discurso machista e assim, dia após dia, vemos o movimento antifeminista ganhando mais e mais adeptos homens que, ao inscreverem-se nas formulações discursivas antifeministas, reforçam o discurso de que o movimento feminista busca superioridade e não igualdade.

A mulher é objetivada nos recortes que trouxemos, o imaginário de ideal é reforçado pelos discursos femininos e a mulher decente, “para casar” e que será uma mãe ideal, é reforçada também nas vozes de mulheres. Embora a mulher se veja na condição de superioridade quando comparada ao homem, como por exemplo, sendo a “Rainha do lar”, ainda não se vê como igual. A predominância de discursos de sujeitos antifeministas,

mostrada nas nossas análises, reafirma o imaginário social de que a mulher tem sua função social cumprida quando se torna mãe. Deparamo-nos também com outros discursos tradicionais onde o homem é eleito como único ser autorizado socialmente a ter uma vida sexual ativa e com diferentes parceiras.

Como mediadores desta análise, podemos inferir que nas sequências discursivas aqui expostas e analisadas, o rompimento do discurso tradicional ainda é muito sutil. O que vemos predominantemente nas postagens é o discurso conservador que afirma que a mulher é naturalmente menos capaz que o homem em diversas áreas, o discurso machista é predominante e o imaginário social de mulher (que é frágil e deve obrigatoriamente ser depilada, magra, esposa e mãe) se mantém. E, mais que isso, esse discurso é predominante na sociedade, pois a materialização do discurso sobre a mulher ideal sedimenta o imaginário sobre a identidade culturalmente imposta à mulher. Por todo o exposto, concluímos que as formações discursivas não se dividem, mas há uma relação de interligação entre elas onde o discurso antifeminista é de desdobramento da ideologia dominante e a resistência do discurso feminista é antagônico à ideologia trazida na Formação Discursiva antifeminista.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland; COMPAGNON, Antoine. *Leitura*. In: Enciclopedia einaudi. Porto: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1987. 11 v.

BENVENISTE, Emile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas: Pontes, 2006.

CHAGAS, Arnaldo Toni. Artigo *O sujeito ideológico na perspectiva de Louis Althusser – O assujeitamento*. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0675.pdf>>. Acesso em: 18 de maio de 2017, 17:48.

FAHS, Ana C. Salvatti. *Movimento Feminista*. Disponível em: <<http://www.politize.com.br/movimento-feminista-historia-no-brasil/>>. Acesso em: 21 de abril de 2017, 19:21.

FÁVARO, Tatiana. *Eni Orlandi fala sobre análise do discurso e linguagem em entrevista*. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/globouniversidade/noticia/2012/11/eni-orlandi-fala-sobre-analise-do-discurso-e-linguagem-em-entrevista.html>>. Acesso em: 24 de abril de 2017, 09:50.

FERNANDES, Carolina. *O visível e o invisível da imagem. Uma análise discursiva da leitura e da escrita de livros de imagem*. Campina, SP: Mercado de Letras, 2017.

FERNANDES, Carolina; *in* – *Imagens em rede. A opacidade da imagem e a Leitura polissêmica*. - *Oficinas de Análise do Discurso: Conceitos em Movimento*. 1. ed. Campinas, SP: Editora Pontes, 2015. Org: FERREIRA, Maria Cristina Leandro; REHM, Alyne; GODOY, Ana Boff de; CAMPOS, Luciene Jung de; VELOSO, Maria Thereza; RADDE, Augusto; VINHAS, Luciana Lost; PRAWUCKI, Rubens, DORNELES, Elizabeth Fontoura; BRESSAN, Mariele Zawierucka; RAMOS, Thaís Valim.

FILHO, Paulo Argimiro da Silveira. *A interpelação ideológica: A entrada em cena da outra cena*. Disponível em:

<http://www.espacopsicanalise.com.br/interpelacao_ideologica.html>. Acesso em: 18 de maio de 2017, 15:34.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense, 2004.

GADET, Françoise; HENRY, Paul; LÉON, Jacqueline; MALDIDIER, Deinise; PLON, Michel; PÊCHEUX, Michel; FUCKS, Catherine; BONNAFOUS, Simone; MARANDIN, Jean-Marie; LECOMTE, Alain. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997. Coleção Repertórios. Tradutores Bethania S. Mariani et al.

INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Campinas, Ed. Da UNICAMP, 1997

MARX, Karl. *Guerra Civil na França*. São Paulo: Global, 1986.

ORLANDI, Eni. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. 8. Ed. Campinas: Pontes, 1999.

_____. *Análise de texto de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. 6. Ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

_____. *O que é Linguística*. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2009. Coleção primeiros passos; 184.

_____. *Introdução às ciências da linguagem – Discurso e Textualidade* / Suzi Lagazzi – Rodrigues e Eni P. Orlandi (orgs). 2. Ed. Campinas, SP : Pontes Editores, 2010.

_____. *Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: UNICAMP, 1995. Tradução de E. P. Orlandi et al.

_____. *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento?* Campinas: Pontes, 1990.

_____. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. (org). *Gestos de Leitura: da História para o Discurso*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1997. Tradução de Bethania, S. C. Mariani.

PEREZ, Fabíola. *O Movimento das Antifeministas*. Disponível em: <http://istoe.com.br/376787_O+MOVIMENTO+DAS+ANTI+FEMINISTAS/>. Acesso em: 08 de maio de 2017, 14:54.

PINTO, Céli. *Como entender os meandros do poder*. São Paulo: Editora Hucitec, 1989.

WIKIPÉDIA, A ENCICLOPÉDIA LIVRE. *Marxismo*. <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Marxismo>>. Acesso em: 19 de junho de 2017, 18:25.